Intersecções entre

LINGUÍSTICA, CULTURA, LETRAS & ARTES

Organizadora
Gabriela Cristina Borborema Bozzo

Ano 2024

Intersecções entre

LINGUÍSTICA, CULTURA, LETRAS & ARTES

Organizadora

Gabriela Cristina Borborema Bozzo

Ano 2024

LINGUÍSTICAS, LETRAS E ARTES

Intersecções entre linguística, cultura, letras e artes

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Jeniffer dos Santos
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadora: Gabriela Cristina Borborema Bozzo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

I61 Intersecções entre linguística, cultura, letras e artes / Organizadora Gabriela Cristina Borborema Bozzo. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2024.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-258-2963-0
DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.630241110

1. Linguística. 2. Cultura. 3. Letras. 4. Artes. I. Bozzo, Gabriela Cristina Borborema (Organizadora). II. Título.
CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

LINGUÍSTICAS, LETRAS E ARTES

DECLARAÇÃO DA EDITORA

APRESENTAÇÃO

A coleção *Intersecções entre linguística, cultura, letras e artes* apresenta oito capítulos cuja amplitude no que tange à produção de conhecimento faz jus às áreas interseccionadas no título. Nesse sentido, temos uma gama ampla de temas abordados que entram na esfera linguística, cultural, artística e das letras.

O eixo temático que atravessa visceralmente toda a produção que compõem o e-book é, indiscutivelmente, o cultural. O primeiro capítulo da obra é uma resenha do ensaio "A Dulcineia Encantada", de Erich Auerbach. O segundo aborda o arquétipo da mulher de ferro na narrativa da mulher brasileira. O terceiro, por sua vez, relaciona o conceito de identidade segundo Stuart Hall e Simone de Beauvoir. Já o quarto apresenta uma discussão acerca da guerra e da morte sob a perspectiva de poetas palestinas. O quinto capítulo coteja a obra *Menino sem passado*, de Silvano Santiago, sob o prisma da alteridade e da memória. O sexto traz a análise semiótica discursiva de imagens sagradas no arraial de uma cidade do interior do Mato Grosso do Sul. Por meio da análise do discurso no gênero notícia, o sétimo capítulo propõe uma reflexão sobre o ensino de língua materna. O oitavo, por fim, aborda uma possibilidade de ensino de Língua Portuguesa, embasada na BNCC, por meio do multiletramento, tendo a sociolinguística como seu apoio.

Assim, a cultura é o que intersecciona as a linguística, as letras e as artes, sendo o fulcro da produção científica em pauta nesta coletânea. Sendo a cultura relacionada à criação e difusão da Arte e das Ciências Humanas, segundo o *Oxford Languages*, é coerente que ela seja o nó que interliga os estudos reunidos neste e-book, uma vez que o título proposto sugere uma ampla gama de possibilidades de produção científica.

Por fim, cabe distinguir a quem se dirige a obra aqui apresentada: pesquisadores em formação, sejam graduandos ou pós-graduandos, isto é, em fase de consolidação de seu método científico. Assim, os estudos aqui presentes podem os inspirar no desenvolvimento de novos estudos que agreguem positivamente à produção científica brasileira na área de Ciências Humanas e Linguística, Letras e Artes.

Gabriela Cristina Borborema Bozzo

SUMÁRIO

O ENCANTO DE DULCINEIA COMO FIGURATIVIZAÇÃO DA CRÍTICA DE CERVANTES ÀS NOVELAS DE CAVALARIA

Data de submissão: 26/09/2024 *Data de aceite: 01/10/2024*

Gabriela Cristina Borborema Bozzo
FCLAr/UNESP
Araraquara – SP
https://lattes.cnpq.br/8978103083856101

RESUMO: A presente resenha se propõe a resumir o ensaio "A Dulcineia Encantada", de Erich Auerbach, bem como averiguar nesse *corpus*, concomitantemente, os sentidos que esse encanto figura, a intertextualidade entre o ensaio e o romance de Cervantes, *Dom Quixote*, que, a saber, inaugurou o romance moderno.
PALAVRAS-CHAVE: Erich Auerbach; Miguel de Cervantes; romance moderno.

DULCINEIA'S EMCHANTENT AS A FIGURATIVIZATION OF CERVANTES' CRITICISM OF CHIVALRIC NOVELS

ABSTRACT: The present review proposes to summarize the essay "A Dulcineia Encantada", by Erich Auerbach, as well as to verify in this *corpus*, at the same time, the meanings that this enchantment figures, the intertextuality between the essay and the novel by Cervantes, *Dom Quixote*, which, namely, inaugurated the modern novel.
KEYWORDS: Erich Auerbach; Miguel de Cervantes; modern novel.

"A Dulcineia Encantada" figura o décimo quarto capítulo da obra *Mimesis*, de Erich Auerbach. A edição utilizada é de 1971, feita pela editora da Universidade de São Paulo. Trata-se de um capítulo sobre a figura da Dulcinéia no primeiro romance moderno, *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, que têm dois volumes, (1606 e 1615).

Auerbach destaca o episódio da Dulcinéia encantada, do décimo capítulo da segunda parte (livro) de *Dom Quixote*, cujo título é "Onde se conta a artimanha que Sancho usou para encantar a senhora Dulcinéia, e outros acontecimentos tão ridículos como verdadeiros". A escolha perspicaz de Auerbach se dá pela artimanha de Sancho em escolher qualquer camponesa de El Toboso e dizer que é a Dulcinéia para dom Quixote, que acredita devido a justificativa de sempre: está encantada pelos magos que o perseguem, o que o torna único, como um cavaleiro das novelas de cavalaria.

Outro aspecto interessante da cena elencado pelo autor é a inversão de papéis. Sempre dom Quixote vê as coisas diferentemente da realidade e Sancho tenta explicar-lhe o que de fato acontece. Nessa cena, é Sancho que tenta impor ao Cavaleiro da Triste Figura uma ilusão sobre as lavadeiras, mas a capacidade imaginativa de dom Quixote falha e ele vê a realidade. Mas tudo se explica com o encantamento de Dulcinéia por parte dos magos que o perseguem, não? Auerbach (1971, p. 297) afirma:

> Esta saída do encantamento encontra-se em todos os casos, tão logo a situação exterior se coloca em contraste invencível com a ilusão; permite a Dom Quixote conservar a atitude do nobre invencível herói, que é perseguido por um mago poderoso e invejoso de sua fama.

Assim, a *saída* pelo encantamento justifica toda e qualquer dissonância entre o que enxerga dom Quixote e a realidade empírica dentro do romance. Há um efeito de contraste entre a rude resposta de Dulcinéia no episódio destacado pelo autor – é baixa. Porém, elevada é a retórica de dom Quixote, e tal dissonância tem a função cômica de quebra estilística.

Sancho, que na segunda parte do romance usa o amo para divertir-se, brinca com a ilusão e loucura dele, tornando-se, na segunda parte do romance, um personagem mais perverso ao brincar com a insensatez de seu amo.

A cena transcrita por Auerbach de *Dom Quixote* é considerada por ele cômica. Contudo, o sentimento e as atitudes de dom Quixote são reais e profundos: o amor incondicional à Dulcinéia del Toboso, a fidelidade, a valentia e a disposição a qualquer sacrifício. Apesar de esses sentimentos e atitudes pautarem-se na ilusão da loucura, despertam, no leitor, admiração pela personagem, cuja ideia fixa está ligada à insensatez.

Ainda, para Auerbach, o encontro entre dom Quixote e Dulcinéia simboliza a relação entre o Cavaleiro da Triste Figura e os acontecimentos do mundo empírico. É importante ressaltar o que o autor elenca sobre a loucura de dom Quixote: "só quando a sua ideia fixa entra em jogo é doido; afora isso, é um homem normal e muito inteligente" (Auerbach, 1971, p. 304). Assim, não podemos taxar dom Quixote de totalmente louco. O que o enlouquece é a ideia fixa das novelas de cavalaria, de querer vivenciá-las – tal ideia fixa surge quando a personagem tem quase cinquenta anos e após a leitura de muitas novelas de cavalaria.

A loucura de dom Quixote só é explicada no romance pela leitura excessiva de novelas de cavalaria. Não há outra razão externa para o estabelecimento da perda de sua razão. Pode-se inferir, aí, a crítica de Cervantes ao gênero literário demasiadamente lido pelo protagonista.

Auerbach afirma que na linguagem cortês com que dom Quixote aborda Dulcinéia, as camponesas, sua fala não é ridicularizada. Pode parecer ridícula hodiernamente, mas não em seu contexto de escritura.

Como afirma o autor, há, de fato, um dom Quixote doido e um sensato, lado a lado, o que pode ser observado em suas atitudes honestas e ponderadas para com as pessoas,

principalmente Sancho, quando tem um descanso da ideia fixa. Inclusive, na cena transcrita por Auerbach em seu ensaio, Sancho brinca com a loucura de dom Quixote, como muitos personagens já fizeram e irão fazer. O autor afirma: “A doidice de Dom Quixote dissolve tudo isso; converte o mundo real e quotidiano num palco hilariante.” (Auerbach, 1971, p. 307). Isso porque ou as personagens representam papéis para zombar e/ou se aproveitar de sua loucura, ou ele atribui papéis incoerentes às personagens, estando, sempre, no palco de sua loucura: “assim também a loucura de Dom Quixote ilumina tudo o que encontra no seu caminho, com alegre indiferença, e deixa tudo em alegre confusão.” (Auerbach, 1971, p. 308).

A relação entre dom Quixote e Sancho Pança tem lugar no texto de Auerbach (1971, p. 308):

> Muito frequentemente Dom Quixote fica tão irado por causa de Sancho, que o insulta e maltrata; por vezes envergonha-se por sua causa e, uma vez, no 27º capítulo da segunda parte, até o abandona no meio do perigo. Sancho, por sua parte, segue Dom Quixote, primeiramente por tolice e egoísmo material, porque espera fantásticas vantagens da empresa; e também porque o vaguear, apesar de todas as fadigas, lhe dá maior prazer do que o trabalho regular e a vida monótona em casa. Logo começa a presumir que algo não pode estar certo na mente de Dom Quixote; e depois acontece que o engana, faz troça dele e fala respectivamente a seu respeito.

Ainda, o autor afirma, assinalando a relação entre dom Quixote e Sancho:

> A experiência da personalidade de Dom Quixote não é apanhada por ninguém de forma tão total, não é trabalhada imediatamente como um todo tão puro quanto por Sancho – todos os outros se surpreendem, irritam-se ou divertem-se ou querem curá-lo; Sancho penetra na sua vida, e a doidice e a sabedoria de Dom Quixote tornam-se produtivas para ele; (...) é através dele, em toda sua atitude, que entendemos melhor Dom Quixote. Isto, por outro lado, ata Dom Quixote a Sancho; (...). (AUERBACH, 1971, p. 309).

Sobre Cervantes, Auerbach (1971, p. 311) faz uma importantíssima consideração sobre a ausência de julgamentos das personagens por parte do escritor espanhol: “Mas [Cervantes] não toma partido (salvo contra os livros mal escritos); fica neutro. Não é suficiente dizer que não emite juízos e não tira conclusões; o processo nem é iniciado, as perguntas nem são feitas.” O único tipo de julgamento em voga é da loucura de dom Quixote, que é ridicularizado no discurso narrativo inteiro.

O texto de Auerbach sobre *Dom Quixote* elucida questões importantes da narrativa de Cervantes, principalmente no trecho destacado: a quebra estilística entre a rudez das camponesas e a linguagem cortês de dom Quixote; a loucura de dom Quixote que transforma tudo em hilário; a relação entre esse e seu escudeiro e, por fim, a ausência de juízo de valor de Cervantes, exceto no que diz respeito à loucura do seu protagonista.

A discrepância entre a rudez das camponesas e a linguagem cortês revela, também, uma quebra de expectativa: a Dulcinéia de Sancho, uma camponesa aleatória, *versus* a

criada na mente do protagonista. Claro que há uma saída para esse choque: Dulcinéia, como propõe o título do ensaio de Auerbach, está encantada pelos magos que perseguem dom Quixote. Isso o faz sentir-se especial, como um Amadis de Gaula, pois crê que o mago tem inveja de sua fama enquanto cavaleiro andante.

O mais hilário é: como Sancho encontraria Dulcinéia sendo que não sabe seu nome verdadeiro? Como dom Quixote a reconheceria se nunca a viu pessoalmente? Isso é dito no capítulo I do primeiro livro:

> Oh, como se alegrou nosso bom cavalheiro quando fez esse discurso, principalmente quando atinou a quem chamar sua dama! É que havia numa aldeia perto da sua, pelo que se pensa, uma camponesa de muito boa aparência por quem ele andou apaixonado um tempo, embora se acredite que ela jamais tenha sabido disso nem o tenha deixado provar de sua formosura. Chamava-se Aldonza Lorenzo, e ele achou bom lhe dar o título de senhora de seus pensamentos; e, procurando um nome que não destoasse muito do seu e insinuasse ou parecesse nome de princesa e grande senhora, veio a chamá-la de “Dulcinéia del Toboso”, porque era natural de El Toboso: nome, em sua opinião, musical e raro e significativo, como todos os demais que ele tinha posto em si e em suas coisas. (Cervantes, 2012, p. 66).

Assim, nunca tendo no discurso narrativo relevado o nome real de Dulcinéia a Sancho, ela torna-se sempre encantada: sempre uma ideia criada por dom Quixote a partir dessa camponesa Aldonza Lorenzo, e não ela em si. Dulcinéia é encantada porque não existe.

Ainda, há a interessante colocação de Auerbach sobre a troca de papéis: é sempre dom Quixote que vê gigantes em moinhos, e é puxado, inutilmente, para a realidade pelo seu escudeiro, Sancho. Todavia, no excerto elencado por Auerbach, é Sancho que brinca com a loucura do amo. Só que, dessa vez, a loucura de dom Quixote falha e ele vê apenas a realidade empírica. Mas, por confiar em Sancho, declara à Dulcinéia seu amor cortês e o desfecho desse episódio é, claro, culpabilizar o mago pelos feitiços contra Dulcinéia, que está *encantada*. Como os gigantes o estavam para que Sancho visse apenas moinhos.

É interessante destacar, ainda, o hilariante palco que tudo a volta de dom Quixote se torna: as pessoas zombam dele e/ou tiram vantagem. E a mais cruel das intenções – como o episódio em que Sancho que sacudido por uma manta na estalagem pela ausência de pagamento, já que cavaleiros andantes, segundo dom Quixote, por nada pagavam – torna-se cômica. O cômico, assim, está presente em toda a obra, quer nas travessuras de Sancho, na loucura de dom Quixote ou na incredulidade e/ou maldade de terceiros para com o protagonista.

A relação entre amo e escudeiro, dom Quixote e Sancho é largamente discutida por Auerbach. Temos a interpretação de que dom Quixote, muitas vezes, envergonha-se de Sancho, chega a lhe abandonar à própria sorte e irrita-se facilmente com a simplicidade camponesa do escudeiro. Sancho, por sua vez, segue e serve a seu amo, apesar de, em certo ponto, duvidar de sua sensatez. Mas Sancho que, inicialmente, “compra” a loucura

de dom Quixote, não demora muito a troçar da mesma, como no episódio da Dulcinéia encantada.

Por fim, Auerbach dedica-se em afirmar que Cervantes não faz juízo de valor. Talvez por isso tudo seja um palco, tudo seja hilário, tudo seja representado em volta de dom Quixote e sua ideia fixa, sua loucura. E é justamente essa loucura o único “juízo de valor” que se faz: dom Quixote é louco devido à demasiada leitura das novelas de cavalaria. Não estaria Cervantes consciente de que, ao criticá-las, estava a criar um gênero literário, o romance moderno?

REFERÊNCIAS

AUERBACH, E. A Dulcinéia Encantada. In: _____. Mimesis. São Paulo: Edusp, 1971.

CERVANTES, M. de. *Dom Quixote*. Trad. Ernani Ssó. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.

MULHER DE FERRO: A FORMA DE UM ARQUÉTIPO NA NARRATIVA DA MULHER BRASILEIRA

Data de submissão: 06/09/2024 *Data de aceite: 01/10/2024*

Catarina Doolan Fernandes
Docente do Curso Técnico de Produção em Áudio e Vídeo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília - IFB

Trabalho apresentado no GP Cinema, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

RESUMO: Este artigo propõe formalizar o arquétipo da "Mulher de Ferro" a partir de uma análise do perfil da personagem Donana, protagonista do filme potiguar *A Parteira* (2019), de Catarina Doolan Fernandes, utilizando como elemento simbólico a flor Chanana. Para isso, propõe-se um diálogo com alguns autores como Edgar Morin e Hugo Munsterberg para tratar das subjetividades na experiência cinematográfica e o processo de criação que dá forma ao arquétipo, o mito e, no caso desta investigação, à heroína brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: *Mulher de Ferro*; arquétipos; feminino; cinema; narrativa;

INTRODUÇÃO

O arquétipo, enquanto fenômeno psíquico, materializa-se quando é expresso simbolicamente nas criações artísticas e narrativas. Segundo estudos de Carl Gustav Jung, "as representações arquetípicas podem ser entendidas como padrões cognitivos que medeiam as relações do ser humano com o mundo, atuando no processo de interpretação e atribuição de significados aos objetos e ações" (ANAZ, 2020, p.256).

Enquanto realizadora audiovisual tenho percebido a grande contribuição que a arte de contar histórias tem em meu desenvolvimento particular e, também, naqueles que o acessam. Com o curta-metragem *A Parteira*[1] (2019), tive a oportunidade de conhecer a personagem que protagoniza o filme, a parteira tradicional Ana Maria Valcácio, conhecida carinhosamente por Donana. Sua firmeza,

1 ***A Pateira***, Catarina Doolan, Brasil, 20 minutos, 2019. Conta a história de Donana, mulher de personalidade forte que compartilha de sua sabedoria adquirida como parteira, mãe, mãe de santo e madrinha.

força e coragem de ser livre me inspiram e me auxiliam no meu próprio processo de libertação dos padrões limitantes que toda mulher herda da sociedade em que vive.

Durante o período de pandemia causada pela COVID-19, estudei com profundidade o arquétipo da “Mulher Selvagem” que tomou espaço na minha consciência. Ao longo de dois anos, entre 2019 e início de 2022, ao consolidar o projeto de extensão *Círculo de Estudos La Loba*, no Instituto Federal de Brasília, *campus* Recanto das Emas, pude me aprofundar no estudo dos arquétipos do feminino, incluindo o estudo de Deusas em diferentes mitos e crenças. Percebi, por meio dos contos trazidos pelo livro *Mulheres que correm com os lobos*, de Clarissa Pinkola Estés, e pela troca de experiência entre mulheres, o caminho de um arquétipo e a importância simbólica de dar-lhe nome, sentido, forma e lugar.

Dessa forma, passei a perceber de forma investigativa meu processo de aprendizagem através do cinema e pude imprimir meus achados por meio da formação do arquétipo da “Mulher de Ferro”, termo cunhado pela própria personagem, Donana, sujeita de minha observação.

Com o objetivo de auxiliar na desconstrução de estereótipos e dar uma forma profunda e pluridimensional às personagens femininas, este estudo também visa contribuir com a construção de narrativas nacionais protagonizadas por mulheres, nos diferentes formatos e aplicações, tanto no meio audiovisual quanto no literário e em outras artes, bem como em análises fílmicas dentro do escopo etnográfico e acadêmico. Possibilitando, assim, a criação de novos mitos e heroínas.

O ARQUÉTIPO E A NARRATIVA CINEMATOGRÁFICA

Desde que o escritor e mitologista Joseph Campbel trouxe os conceitos de Jung para as narrativas cinematográficas a partir da tradicional fórmula da “*jornada do herói*”, e, na sequência, Christopher Vogler trouxe contribuições com a publicação de *A jornada do escritor*, os roteiros de ficção utilizam de arquétipos para criar narrativas com as quais o público se identifique. Porém, que público seria este? Maureen Murdock, discípula de Campbel, identifica em seu livro *A Jornada da Heroína* (2020) a urgência em encontrar novos mitos e novas heroínas, para trilhar uma jornada idealmente feminina. Já que as mulheres de nossa sociedade vêm buscando trilhar o único caminho conhecido, na jornada do herói, mas inconsciente de que esta é apenas uma parte da viagem.

Em consonância com estes, a pretensão aqui é de identificar o arquétipo da “Mulher de Ferro” no mundo real, suas características, manifestações e onde ele se encontra na natureza, para, então, aplicar o conceito na representação simbólica do cinema documental como meio narrativo. Ou seja, expressá-lo com auxílio de mulheres reais.

Como roteirista de ficção, Robert McKee, em seu livro *Story: substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiro* (2006), nos ensina a procurar o caminho arquetípico de uma estória e fugir dos estereótipos. Ele nos revela que não há fórmula

para um bom roteiro, mas que cada artista tem sua própria forma de trazer à tona uma boa história. Ciente de que as histórias contam sobre a humanidade, o público espectador busca se encontrar na tela em uma experiência nova, ou seja, vivenciar por meio do cinema novas perspectivas e mundos sobre si e seu entorno.

> A estória arquetípica desenterra a experiência humana universal, e então se encasula em uma expressão sociocultural única. A estória estereotípica reverte esse padrão: ela sofre da pobreza tanto na forma quanto no conteúdo. Ela confina-se em uma experiência sociocultural limitada e se veste em generalidades insossas e inespecíficas. (McKEE, 2006, p. 18)

De acordo com McKee, podemos concluir que o melhor caminho para acessar o arcabouço de símbolos arquetípicos, fugir da fórmula estereotipada e encontrar o "Personagem Profundo", como o mesmo diz, está em mergulhar no inconsciente, e esse caminho somente é possível por meio do autoconhecimento. *A jornada da heroína* é desenhada por Murdock (2020) em um caminho cíclico (não linear, como a *jornada do herói* de Campbel) e essa jornada necessita ser trilhada por cada indivíduo que busque curar seu feminino e sua relação com a Mãe (seja ela a mãe biológica ou a Mãe, a Deusa):

> As mulheres imitavam a jornada heróica masculina porque não havia outras imagens para imitar; uma mulher era "bem-sucedida" na cultura masculina ou dominada e dependente como mulher. Para mudar as estruturas econômicas, sociais e políticas da sociedade, devemos agora encontrar novos mitos e heroínas. [livre tradução da autora]. (MURDOCK, 2020, p. 10).

Em seu livro, Estés contribui para essa reflexão quando afirma que "nas histórias estão incrustadas instruções que nos orientam a respeito das complexidades da vida" (ESTÉS, 2018, p. 29). Ao realizar essa jornada heróica enquanto escritores, vivenciamos a personagem em nós, contamos sua história com critério e intimidade e essa história será consumida, perpetuada e perpetrada para que outras pessoas vivenciem, através da arte do cinema, a mesma jornada heróica, consciente ou inconscientemente:

> A arte é importante porque ela celebra as estações da alma, ou algum acontecimento trágico ou especial na trajetória da alma. A arte não é só para o indivíduo; não é só um marco da compreensão do próprio indivíduo. Ela é também um mapa para aqueles que virão depois de nós. (ESTÉS, 2018, p. 28).

No documentário, esse estudo arquetípico do personagem ainda é bem incipiente, visto que, enquanto documentarista, lidamos com o real, aquele que já existe no campo da matéria, para, posteriormente às gravações, trabalhar em suas subjetividades. Autores como Allan Rosenthal (2007), Consuelo Lins e Mesquita (2008), Bill Nichols (2001), dentre outros, analisam e discutem a relação entre autor e sujeito filmado dentre as diversas possibilidades de se realizar documentário.

Em *Roteiro de documentário: da pré-produção à pós-produção*, Sérgio Puccini reflete sobre a fórmula controlada de um roteiro de ficção, de onde a estória surge para, então,

ser transferida à uma produção fílmica planejada sob medida. Ou seja, resgatamos um arquétipo em uma jornada de autoconhecimento e retratamos sua estória. Mas e quando a personagem e sua história, seu mundo e contexto já existem? "O percurso do roteiro de documentário é marcado pela perspectiva daquilo que está por vir. A captura de um real que gradualmente vai sendo moldado até se transformar em filme" (PUCCINI, 2009, p. 16).

De acordo com McKee, "quanto mais penetrar nos mistérios de sua própria humanidade, quanto mais entender de si mesmo, mais hábil será para compreender os outros" (MCKEE, 2013, p. 361). Assim sendo, surge a hipótese de que é possível através do cinema documental a ponte entre ficção e realidade (modos de representação), matéria e imaginação (criação), tradição e ciência (sabedoria), consciência e inconsciência (autoconhecimento). Por meio da história retratada de uma realidade documentada, possibilitar a criação do arquétipo da "Mulher de Ferro": vivenciada no processo de criação e análise do filme "*A Parteira*" e originado da conexão entre mulheres reais: a cineasta e "a outra". Tornando não apenas tangível o processo de vivenciar o arquétipo na experiência fílmica, mas a consciência de que ela já existe no mundo, basta olhar para uma mulher brasileira. Ela é real.

Trazer à consciência feminina o arquétipo da "Mulher de Ferro" é como vestir a "Mulher Selvagem" de sua armadura para andar por esta sociedade opressora, porém com flexibilidade suficiente para mover-se enquanto loba, espalhar suas sementes e fortalecer suas raízes enquanto flor. Assim, durante o inverno e em territórios secos, opressores e de constante "poda", reservam suas forças às suas grossas e profundas raízes para o período chuvoso, quando renascem fortalecidas as chananas[2].

A COMUNICAÇÃO DO SENSÍVEL: PROCESSO PESQUISA-CRIAÇÃO CINEMATOGRÁFICA

Observar, analisar, processar e comunicar. Essas são as premissas do metáporo como procedimento de pesquisa, onde "o pesquisador deverá instalar-se naquilo que muda, a fim de obter uma apreensão pela intuição sensível." (FILHO, 2017, p.57) Para Ciro Marcondes Filho, é possível identificar a ocorrência da comunicação como um fenômeno, vivenciando o próprio acontecimento enquanto se pesquisa.

Conforme orientado por Puccini, o processo de construção do documentário surge a partir do interesse investigativo de seu criador. Não há controle sobre o que será filmado. O conjunto das escolhas pré-estabelecidas proporciona uma noção das potencialidades da obra. Mas é somente após as filmagens que a cineasta terá posse de toda subjetividade possível de ser expressada no processo de montagem. E, assim, poder criar a *jornada da heroína*, a partir da captura de um real subjetivo. Dessa forma, percebe-se o documentário como o próprio relato metapórico de quem pesquisa: uma arte (auto)investigativa.

2 *Turnera Subulata sm* é um planta resistente e expansiva, geralmente confundida como erva-daninha e que possui propriedades medicinais.

Dessa forma, traço uma relação identitária pessoal com as minhas raízes ancestrais, ao perceber-me enquanto uma mulher brasileira, branca, de classe média, com origens miscigenadas e diversas. Realizo a jornada cíclica, conforme o trajeto proposto por Murdock e, finalmente, me re-conecto com o feminino sagrado, com a Mãe, com minha própria maternidade, curando as feridas de minha linhagem materna e paterna e integrando as forças masculinas que antes me exauriram as energias. E como propõe Ciro Marcondes Filho, "o caminho se faz percorrendo [...] assim como a 'viagem' que se faz na pesquisa, da qual se retorna mudado, alterado, transformado."

Uma vez elucidadas minhas heranças genéticas, busco inspiração em uma mulher que carrega em si a identificação e projeção de minhas ancestrais brasileiras. A partir dessa conexão com a personagem que me inspira, analiso em seu discurso as experiências de vida que trazem ao mundo concreto a história velada de minha própria linhagem. Ou seja, Donana, a protagonista do documentário *A Parteira*, representa, para mim, a sabedoria de minhas antepassadas negras e indígenas, marginalizadas. Ela é, portanto, o veículo, assim como um "avatar", que me leva a experimentar a trajetória narrada. De acordo com autores como Munsterberg e Morin, que descrevem a experiência cinematográfica pelo viés da psicologia, consigo perceber que enquanto autora, construo, com uso de minhas subjetividades, imaginação e memória, o veículo onde o público poderá embarcar para, com suas próprias subjetividades, buscar as identificações e sugestionar suas próprias experiências pessoais: o que Morin chama de "projeção-identificação" ou "participação afetiva". O interesse investigativo parte, primeiro, de quem cria a obra:

> A atenção é voluntária quando nos aproximamos das impressões com uma idéia preconcebida de onde queremos colocar foco. A observação dos objetos fica então impregnada de interesse pessoal, de ideias próprias. A escolha prévia do objeto de atenção leva-nos a ignorar tudo o que não satisfaça aquele interesse específico. A atenção voluntária controla toda a nossa atividade. Cientes de antemão do objetivo que queremos atingir, subordinamos tudo o que encontramos a sua energia seletiva. Nessa busca, só aceitamos o que vem de fora na medida em que contribui para nos dar o que estamos procurando. A atenção involuntária é bastante diferente. A influência diretiva lhe é extrínseca. O foco da atenção é dado pelas coisas que percebemos. (MUNSTERBERG apud XAVIER, 1991. p.28).

Quando colocamos intenção em nossas buscas, a intuição se encarrega de orientar sua energia de ação para o objetivo preconcebido. A escolha da Chanana como elemento simbólico de representação do arquétipo não foi uma mera coincidência, nem tão pouco foi necessária uma busca minuciosa e complexa, não procurei compreender suas propriedades e características científicas catalogadas, ela simplesmente surgiu em minhas buscas internas por semelhanças simbólicas desde antes mesmo desta pesquisa, ao pensar a narrativa do curta-metragem. Era como se a flor me chamasse atenção por onde eu fosse. Morando à época em Natal, cidade que adotou a planta como seu símbolo oficial, eu não conseguia deixar de notá-las atravessando o concreto, em todos os canteiros e até na casa

da personagem, pois minha atenção estava em criar as condições narrativas e simbólicas para a produção do sentido que propunha trazer na montagem do curta metragem e em sua identidade visual.

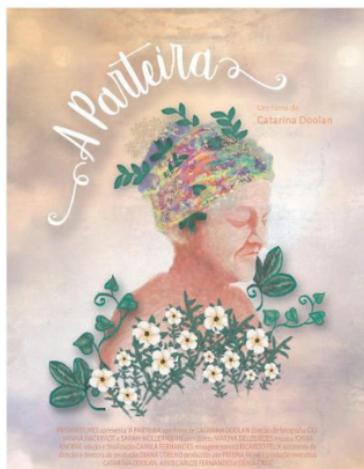



Figura 1. Cartaz do filme *A Parteira, 2019*, de Catarina Doolan

As Chananas são a base que dão sustentação ao busto, cuja imagem simboliza a natureza selvagem da personagem.

Dessa forma, ao aprofundar minhas observações e trazê-las ao campo acadêmico, buscando traduzir na linguagem escrita o percurso trilhado, eu já sabia qual objeto da natureza seria símbolo de expressão da sabedoria que eu buscava internamente. Até mesmo porque, uma personagem não simboliza um único arquétipo, mas representa sua força a partir das subjetividades propostas em minha intenção.

Como diria Balázs: "Não há nada mais subjetivo do que o objetivo." (BALÁZS apud XAVIER, 1991. p.97) Assim, como a natureza que nos cerca configura uma simbologia direta com território, identidade, corpo, e com o próprio feminino, observei na planta *Turnera Subulata Sm*. (Chanana ou Xanana) características que configuram o universo e perfil da personagem, buscando, então, as informações simbólicas que reforçam as características arquetípicas, tais como resiliência, força e persistência.

A partir da identificação simbólica com a flor e trazendo a minha subjetividade vivenciada na interpretação dos dados analisados (características da flor + características da personagem) temos como resultado a forma de um arquétipo que poderá ser vivenciado pelo receptor da narrativa criada em torno desta heroína. Seu símbolo representativo é, portanto, a Chanana.

Por fim, percebendo minha relação de aprendizado com a personagem e identificando o arquétipo em mim, coloco à prova os símbolos pesquisados para expressá-los no relato metapórico de um novo filme: o longa-metragem *Mulher de Ferro*, o qual está em fase de

desenvolvimento no período da escrita deste trabalho.

CARACTERÍSTICAS DA CHANANA

De acordo com registros do Jardim Botânico, no Rio de Janeiro, a *Turnera Subulata Sm.* é da família *Turneraceae* e cresce de forma espontânea na América Latina. É uma planta típica das restingas litorâneas da América Tropical e é encontrada em abundância no nordeste brasileiro.

Conhecida popularmente por Chanana, Damiana ou Flor-do-Guarujá, tem a reputação de ser considerada uma erva daninha, ou seja, uma planta indesejada pelas atividades humanas, seja em regiões de plantação agrícola ou nos canteiros das cidades.

Figura 1. *Turnera Subulata Sm. (Chanana).*

Foto: Ricardo Cardoso Antônio (Unirio)

Observa-se nas características de cultivo da Chanana que a mesma aprecia área com pleno sol; consegue prosperar e se desenvolver em solo pouco fértil, arenoso e salino; apresenta boa ramificação e se propaga facilmente por meio de estacas (ramos e brotos) ou sementes; atrai polinizadores; são resistentes e, por isso, não exigem muitos cuidados. É uma planta perene (duradoura), dá flores o ano inteiro e é bem resistente aos períodos mais secos. É uma Planta Alimentícia Não Convencional (PANC). Além de embelezar o jardim e alegrar o ambiente.

Possui propriedades curativas, medicinais, tais como: antibacteriana, afrodisíaca, auxilia na regulação hormonal (ciclos menstruais) da mulher, antidepressiva e ansiolítica; e tem sido utilizada para melhoria no sistema imunológico no tratamento de pacientes com AIDS e Câncer, conforme Programa de Fitoterapia da UFMA, coordenado pela Dra. Terezinha Rêgo. Foi reconhecida símbolo da cidade de Natal, Rio Grande do Norte, pela Lei Municipal 05350/2 de 17 de janeiro de 2002. Ou seja, uma planta reconhecidamente potiguar.

O DISCURSO DE DONANA

Ana Maria Valcácio, popularmente conhecida por Donana, é uma mulher de 69 anos, solteira, mãe de cinco, filha, neta e bisneta de parteiras, potiguar, natural de São Gonçalo do Amarante, Rio Grande do Norte, Brasil. Identifica-se como uma mulher branca queimada do sol pelo trabalho no campo com heranças africanas e relaciona-se com a herança indígena do povo que habitou a região, de quem herda a tradição e os saberes do partejar e das ervas medicinais. É mãe de santo, na religião da Umbanda, técnica de enfermagem e parteira de tradição. Atua no Conselho Municipal de Saúde e na Associação das Parteiras de São Gonçalo do Amarante. Carrega a luta política pela saúde da mulher, do parto e do nascimento humanizado através da tradição. Erveira, cuida de todas e todos da comunidade que a buscam, sem julgamento de origem. Não nega atendimento (desde de curativos à garrafadas e consultas espirituais).

Figura 2. Personagem: Ana Maria Valcácio (Donana).
Foto: frame do filme *A Parteira*, 2019

Ao analisar o discurso e comportamento da personagem, é possível identificar várias faces que a personagem possui, aspectos que conduz aos traços de personalidade da mesma, os valores que carrega e sua história de vida, como é o caso da "Cena do cafezinho".

Nesta conversa despretensiosa e espontânea entre mulheres: equipe, diretora, Donana e sua filha, Manuela, falam sobre temas como sexualidade, gênero, direito ao nascimento e respeito. Toda a conversa tem um tom animado e livre, demonstrando a alegria da liberdade feminina e a liberdade de escolha de qualquer ser humano, além dos desafios impostos ao jeito "ousado" de ser mulher.

> "Eu aprendi, desde a minha infância, que sexualidade é discussão de cada ser humano. É desde aí que se deve acirrar mais o direito de uma mulher decidir quando ela quer ter uma relação, com quem ela quer ter, de que forma ela quer ter. Por que cada ser humano tem que decidir o seu campo.

Não é ninguém que vai decidir a minha vida nem a sua. Nem minha forma de convivência nem a sua. Você se assume como você é!" (Donana, gravação do filme *A Parteira*)

Temas que passam à sua fama de namoradeira até o seu tom desafiador perante o pai, que julgava suas amizades e esperava que a filha fosse namorar para casar, quando ela queria estudar para galgar sua independência, como se isso fosse um atrevimento. E assim o fez, assumindo desde cedo sua posição de provedora da casa, trabalhando fora para trazer o sustento, lição que aprendeu com sua avó devido à dureza do trabalho no campo. Aliás, avó essa considerada "brava" e "geniosa", que utilizava de seu temperamento para ser obedecida e para se proteger e proteger suas filhas dos homens e ladrões. Donana acredita ter herdado da avó sua ousadia. A mesma que a ensinou a dureza da vida no campo e sobre as ervas da mata.

Nesta etapa do filme é possível perceber características de: liderança, coragem, iniciativa, independência e ação ("atrevimento"), perseverança, liberdade sexual, liberdade individual (respeito), alegria e força ou herança ancestral. Características de uma grande "Matriarca", ou seja, líder de uma família centrada na mãe, são claramente percebidos durante toda a presença da equipe de filmagem: quando ela manda, os filhos e filhas obedecem; a casa é movimentada pelas filhas e os filhos auxiliam no que for preciso (como Manuel que a leva de carro à todo lugar); quando acolhe qualquer indivíduo que precise de acolhimento (contanto que não faça nada 'errado' no que tange os valores cultivados em sua casa). Além dos filhos biológicos, Donana possui seus filhos espirituais, enquanto mãe de santo, além de ser a madrinha de muitos dos quais auxiliou a trazer ao mundo. Aliás, diz-se, na tradição, que a parteira sempre se torna madrinha das vidas que partejou.

Sua personalidade espontânea, alegre e cativante a leva a brilhar por onde passa. A importância que dá a sua individualidade e liberdade de ser é também sua "condenação" à ser "mãe solteira", já que não aceita se casar com quem a desrespeita e traia sua confiança, ou como a mesma diz nas gravações: "que bebesse pra me aborrecer, que duvidasse de mim e me levantasse falso testemunho." Isso não significa que ela fique só, Donana é uma mulher atraente e gosta de namorar. Está sempre acompanhada de suas comadres e familiares. Ela é, no entanto, a sua melhor companhia.

Ela chama atenção pela sua ousadia, por falar o que pensa e vestir-se conforme sua personalidade: alegre e cheia de vida. Leva uma vida humilde e de muitos desafios financeiros, mas se considera próspera. Seu "atrevimento" em defender sua liberdade foi, por muito tempo, fonte de muito sofrimento. Ao ser questionada sobre o que é ser mulher, Donana não hesita em responder: "É ser de ferro". Porém continua a refletir sobre o peso de ser de ferro e a leveza em ser amor: "A mulher é o início do amor." E defende que toda mulher é feita para amar, em primeiro lugar, a si própria, para poder amar ao outro.

Essa relação de força e amor, armadura e leveza, se configuram no desafio de a mulher encontrar, nutrir e manter-se firme no seu amor-próprio. A Chanana subestima pela

sua frágil aparência, mas como Donana, se mantém firme em seu florescer.

NASCE O ARQUÉTIPO DA MULHER DE FERRO

A tabela a seguir pretende comparar algumas das características levantadas entre a Chanana e a personagem, para formalizar o arquétipo da "Mulher de Ferro", que aqui simboliza uma representação da mulher brasileira, sem limitá-la a esse arquétipo estudado.

Chanana	Donana	Arquétipo
Solar	Brilha, inspiradora, ativa	Amor-próprio, vaidade, iniciativa (energia de ação)
Desenvolve e prospera em solo pouco fértil, arenoso	Prospera, apesar das adversidades	Prosperidade
Se propaga facilmente	Expansiva, ousada	Expansão, ousadia, espontaneidade
Atrai polinizadores, fácil semeadura	Maternal, expande sua ciência	Mãe, maternal, mestra
Resistente	Resiliente, forte	Força, resistência
Raízes fortes e longas	Aterrada, força ancestral	Ancestralidade
Floresce o ano inteiro	Alegria e renovação	Alegria; cíclica
Medicinal	Curandeira	Curandeira
PANC (Planta Alimentícia não convencional)	Auxilia e alimenta a quem necessita	Nutridora
Está sempre em meio a outras plantas	Senso de coletividade, nunca anda só	Liderança, coletividade

Tabela 1. Características

A partir de uma análise subjetiva entre os dados coletados a respeito da Chanana e os dados coletados a partir do levantamento das características de personalidade da personagem Donana, é possível identificar uma relação de similaridades, tendo em vista aspectos culturais, sociais e, principalmente, territoriais.

Ao processar as características simbólicas em conexão com minha própria identificação enquanto mulher brasileira, nordestina e potiguar, em meu contexto particular, pude observar aspectos inerentes às camadas oprimidas de nossa sociedade, aqui relacionadas com a mulher negra, indígena, espiritualista e livre. A necessidade de constante luta pela manutenção da liberdade individual, frequentemente "podada" e "arrancada", nos faz perceber o quão indesejadas são as mulheres que ousam quebrar padrões e estereótipos impostos.

Como arquétipo, é imprescindível observar as características levantadas, também, quando em desequilíbrio. Muitas vezes a "Mulher de Ferro" carrega dentro de si uma "Mulher Selvagem" acuada. Sua armadura pode ser também sua prisão. O desequilíbrio de um arquétipo relaciona-se com o desequilíbrio social em que o sujeito se encontra,

portanto, ao ativar este arquétipo, faz-se necessário observar, por exemplo, o exagero nos aspectos que são mais interessantes para a sociedade, esses serão mais valorizados, de forma inconsciente, pelo sujeito. Por exemplo: a característica de nutridora, forte, resiliente e mãe, pode levar a mulher a crer que deve se responsabilizar pelos cuidados com todos e que aguenta qualquer peso que lhe derem, esgotando-se e não se permitindo o descanso e a vulnerabilidade. Estas características podem ser equilibradas buscando as forças de sua sexualidade e espontaneidade, em sua ousadia na hora de tomar decisões que são importantes para si, e em seu amor-próprio, traços arquetípicos da “Mulher Selvagem”, estudados pela Dra. Estés. O caminho a ser trilhado pela heroína, na narrativa da mulher brasileira em busca de sua libertação, requer descobrir que suas forças estão ocultadas por esse desequilíbrio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este assunto e o desenvolvimento, fortalecimento e análise deste arquétipo não se esgota aqui, visto que ainda é preciso realizar o objeto narrativo para materializar o conceito, bem como buscar o arquétipo em narrativas anteriormente criadas sem antes haver uma forma e um nome para o mesmo, para dar vida e território onde o arquétipo possa se expandir.

Ao conceituar um arquétipo e materializá-lo neste artigo e em obras artísticas de mulheres, homens e seres livres, é como projetar a voz de quem foi calada no passado. A partir da criação do arquétipo, cria-se um mito, o mito da mulher brasileira, que teve que aprender através do sofrimento a ousadia de ser livre. Que herdou de suas antepassadas a resistência e sobrevivência a um mundo de heróis e mocinhas, fracos e oprimidos. Através da concepção de um mito que não senta e espera ser salvo, podemos auxiliar em concretizar narrativas cíclicas, que abraçam a humanidade em suas várias facetas e um mundo de possibilidades narrativas se abre. O arquétipo da “Mulher de Ferro” se configura, portanto, não como uma heroína que veio para salvar o mundo dos opressores, este seria seu aspecto em desequilíbrio, mas sim para trilhar uma jornada em comunhão com outras mulheres e homens que compreendem a força que carrega este arquétipo, que também é puro amor.

“As instruções encontradas nas histórias nos confirmam que o caminho não terminou, mas que ele conduz às mulheres mais longe, e ainda mais longe, na direção do seu próprio conhecimento” (ESTÉS, 2018, p. 18). Trazer à consciência feminina o arquétipo da “Mulher de Ferro” é como vestir a “Mulher Selvagem” de sua armadura para andar por esta sociedade opressora, porém com flexibilidade suficiente para mover-se enquanto loba, espalhar suas sementes e fortalecer suas raízes enquanto flor. Assim, durante o inverno e em territórios secos, opressores e de constante “poda”, reservam suas forças às suas grossas e profundas raízes para o período chuvoso, quando renascem mais fortalecidas

as chananas.

REFERÊNCIAS

ANAZ, S. A. L. ***Teoria dos arquétipos e construção de personagens em filmes e séries***. Significação: Revista De Cultura Audiovisual, 47(54), 2020, p. 251-270.

ESTÉS, Clarissa. ***Mulheres que correm com os lobos***: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

FILHO, C. M. ***O rosto e a máquina*: o fenômeno da comunicação visto pelos ângulos humano, medial e tecnológico**. PAULUS: Revista De Comunicação Da FAPCOM, 1(2), 2017, pág. 149–150.

LINS, Consuelo; MESQUITA, Cláudia. *Filmar o real*. **Sobre o documentário brasileiro contemporâneo**. Rio de janeiro: Editora Zahar, 2008.

MCKEE, Robert. ***Story***: **substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiro**. Arte e Letra.: uritiba, 2013.

MURDOCK, Maureen. **The Heroine's Journey. Woman's quest for wholeness**. Shambala Publications, United States of America, 2020.

NICHOLS, Bill. ***Introdução ao Documentário***. São Paulo: Editora Papirus, 2001.

PUCCINI, Sérgio. ***Roteiro de Documentário*: Da pré-produção à pós-produção**. São Paulo: Editora Papirus, 2009.

ROCHA, L.; Arbo, M.M. ***Turnera in* Flora e Funga do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB21354>. Acesso em: 01 Jul. 2022

XAVIER, Ismail (Org). **A experiência do cinema**. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

Filmografia

A Pateira, Catarina Doolan, Brasil, 20 minutos, 2018. Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=I8Q7skbRjco>. Acesso em: 08 Jul. 2022.

IDENTIDADE NA PÓS-MODERNIDADE À LUZ DE STUART HALL E A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA IDENTIDADE FEMININA EM SIMONE DE BEAUVOIR

Data de submissão: 19/09/2024 *Data de aceite: 01/10/2024*

Shirle Goulart
Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

RESUMO: Este artigo examina a complexa natureza da identidade na pós-modernidade através das perspectivas teóricas de Stuart Hall e Simone de Beauvoir. Stuart Hall, em *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, argumenta que a identidade é uma construção social dinâmica de várias perspectivas, influenciada por múltiplos discursos culturais e históricos. Hall desafia as noções essencialistas de identidade, propondo que as identidades são continuamente moldadas e reformuladas em contextos específicos. Por outro lado, Simone de Beauvoir, em *O Segundo Sexo*, explora a construção social da identidade feminina, demonstrando como as mulheres são historicamente definidas de forma submissa por imposição social em relação aos homens. Beauvoir critica as estruturas patriarcais que impõem papéis de subordinação às mulheres, argumentando que o gênero é uma construção social e não uma essência biológica predeterminada. Este estudo integra essas duas perspectivas para fornecer uma análise abrangente sobre como as identidades são formadas, contestadas e transformadas na sociedade contemporânea. Através de uma revisão teórica e uma discussão crítica, o artigo busca compreender as implicações dessas teorias para os estudos de identidade e gênero, destacando a importância de uma abordagem interdisciplinar para entender as dinâmicas identitárias na era pós-moderna.

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, as discussões acerca da identidade assumem uma complexidade crescente, influenciada por transformações sociais, culturais e políticas que caracterizam a era pós-moderna. Nesse contexto, teóricos como Stuart Hall e Simone de Beauvoir oferecem contribuições fundamentais para o entendimento das dinâmicas identitárias, cada um à sua maneira, abordando aspectos cruciais da identidade cultural e da construção social da feminilidade.

Stuart Hall, um dos mais importantes pensadores dos estudos culturais do século XX, propôs uma abordagem que desafia

noções essencialistas e fixas de identidade. Em sua obra seminal *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, Hall argumenta que a identidade não é algo dado ou estático, mas sim um processo contínuo de construção e reconstrução, moldado por contextos históricos, sociais e políticos em constante fluxo. Ele introduz conceitos sobre a identidade como um "ponto de articulação", enfatizando a fluidez e a multiplicidade das identidades na sociedade contemporânea (Hall, 2006).

> A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidade a possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente. (Hall, p. 13, 2006)

Por outro lado, Simone de Beauvoir, filósofa existencialista e feminista, provocou uma revolução nas concepções sobre a identidade feminina com sua obra magistral *O Segundo Sexo.* Publicado em 1949, o livro de Beauvoir não apenas desmascarou as construções sociais que sustentavam a subordinação das mulheres, mas também delineou como o gênero é uma construção social imposta, não uma essência biológica. Beauvoir argumenta que as mulheres são definidas como *Outro* em relação ao homem, e sua identidade é moldada por estruturas sociais que perpetuam desigualdades e estereótipos de gênero (Beauvoir, 1949).

Assim, este artigo se propõe a explorar a interseção dessas duas abordagens teóricas, analisando como Hall e Beauvoir contribuem para a compreensão contemporânea da identidade na pós-modernidade. A partir dessa análise, busca-se não apenas elucidar as teorias desses autores, mas também questionar como suas perspectivas podem oferecer insights para os desafios atuais enfrentados pela sociedade em relação à formação e transformação das identidades individuais e coletivas. Como as teorias desses autores provocam questionamentos sobre a formação identitária no mundo pós-moderno?

Ao longo deste estudo, serão consideradas as implicações teóricas das obras de Hall e Beauvoir, explorando como suas ideias influenciam os debates acadêmicos e políticos sobre identidade, especialmente no que concerne às questões de gênero e à luta por igualdade e reconhecimento na contemporaneidade.

DESCONSTRUINDO IDENTIDADES: REFLEXÕES SOBRE CULTURA E GÊNERO NA ERA PÓS-MODERNA

Stuart Hall, em uma das mais importantes obras dos estudos culturais: *A Identidade cultural na pós-modernidade*, identifica três diferentes abordagens de identidade ao longo da história.

Primeiramente, durante o período do Iluminismo, a identidade era vista como centrada no indivíduo. Nessa perspectiva, acreditava-se que cada pessoa possuía um núcleo

interno estável composto por razão, consciência e capacidade de ação. Este conceito, predominantemente individualista, descrevia o sujeito como uma entidade unificada e, frequentemente, associada ao masculino. A ideia central era que esse núcleo interior se desenvolvia ao longo da vida do indivíduo, permanecendo essencialmente inalterado.

> O sujeito do Iluminismo estava baseado na ideia de que o ser humano é uma entidade completamente centrada, unificada, capaz de razão, consciência e ação; seu "centro" era um núcleo interior que nasceu com o sujeito e se desenvolveu com ele, mas permanecia substancialmente desconhecido ao sujeito ao longo de sua existência. A identidade de uma pessoa era o núcleo do eu. (Hall, p 10-11, 2006)

Com a chegada da modernidade, surge uma visão mais complexa da identidade, denominada sujeito sociológico. Aqui, a identidade é entendida como algo que se forma através das relações com outras pessoas significativas. A identidade, nesse contexto, é moldada na interação entre o indivíduo e a sociedade, localizando-se entre o interior do sujeito e o exterior social.

> A ideia de sujeito sociológico reflete a crescente complexidade do mundo moderno e a compreensão de que o núcleo interno do sujeito era formado por "outras pessoas importantes para ele", que transmitiam valores, sentidos e símbolos – a cultura – do mundo em que vivia. (Hall, p 11, 2006)

Na era pós-moderna, a identidade é percebida como fluida e diversificada, sem um núcleo fixo. Em vez de uma essência estável, a identidade é construída através do diálogo com os contextos culturais externos. As pessoas internalizam significados e valores de diferentes mundos culturais, alinhando seus sentimentos subjetivos com as posições objetivas que ocupam na sociedade. Esse processo de formação de identidade estabiliza tanto os indivíduos quanto os mundos culturais em que vivem, sendo definido historicamente em vez de biologicamente. No sujeito pós-moderno, coexistem identidades contraditórias que continuamente deslocam suas identificações.

> É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diversas direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (Hall, p 12, 2006)

Hall argumenta que as identidades tradicionais, como aquelas baseadas em classe social, etnia, religião ou nacionalidade, costumavam fornecer um senso de pertencimento e estabilidade. Contudo, essas identidades têm perdido força nas últimas décadas. Nações, vistas como "comunidades imaginadas", são sustentadas pela memória do passado e pelo desejo de conviver. Entretanto, a globalização está transformando essas identidades culturais. As culturas nacionais enfrentam divisões internas profundas e são unificadas apenas através do exercício de várias formas de poder cultural. A interação entre o global e o local é complexa, com as nações oscilando entre preservar tradições e se adaptar às

mudanças.

A partir das observações de Hall é possível subtrair a ideia de que as identidades não se esgotam em si mesmas, não são dotadas de uma natureza estática e não possuem um núcleo permanente, porquanto, suscetíveis de constantes transformações. Figura na mesma esteira de Hall, a análise de Silva (2009). Segundo o qual, a identidade

> não é uma essência; não é um dado ou um fato - seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder (SILVA, 2009, p. 96-97).

Consoante aos estudos de Hall e Silva, Ortiz (2006, p. 8) leciona que: “não existe uma identidade autêntica, mas uma pluralidade de identidades construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos históricos”. Nesse sentido, pode-se extrair que para ambos autores as identidades não são estáticas, fixas, muito menos permanentes e imutáveis, mas estão sempre em processo contínuo de metamorfose e são moldadas por elementos como história, política e sociedade, e esta, por sua vez, recebe e doa culturas de diferentes povos que se deslocam constantemente.

Outro ponto relevante sobre a fluidez das identidades envolve consubstancialmente a questão migratória, pois o processo de fragmentação identitária pressupõe um constante movimento de (re)construção de identidade. Nesse cenário, importante observar que esse processo se dá pelo fenômeno da globalização, conforme alhures mencionado, mas antes também na figura do imigrante que se desconstrói – pois deixa no seu lugar de origem a referência cultural que o torna um ser social –, para aos poucos se reconstruir por meio do contato com a cultura do lugar adotado.

Para definir o ser imigrante, na concepção de Marandola Jr. e Dal Gallo (2010), é necessário considerar o espaço e o indivíduo. Segundo os autores: “[...] a busca por sua resposta está na territorialidade e na existência, dois termos são centrais para essa construção: lugar e ser” (MARANDOLA JR; DAL GALLO, 2010, p. 409). Assim, de acordo com a concepção dos pesquisadores, as migrações envolvem a dimensão territorial e a dimensão existencial. Segundo eles:

> A dimensão territorial tem sido vista como organização espacial ou como a dimensão legal das migrações internacionais (sempre com um viés materialista do território), enquanto a dimensão existencial tem aparecido em estudos antropológicos, históricos, psicossociais ou psicanalíticos (MARANDOLA JR; DAL GALLO, 2010, p. 409).

Com efeito, a questão identitária está intrinsecamente ligada a questões migratórias. Nesse sentido, os processos migratórios, diaspóricos, tornaram-se vetores da fragilidade

de identidade dos indivíduos imigrantes. Isso porque, o ser deslocado necessita constantemente de adequar sua cultura de origem à nova cultura na qual está inserido. Como resultante desse processo irregular e heterogêneo – apesar de aparentes acréscimos positivos –, o indivíduo se encontra em instabilidade e perda de sua identidade de origem.

Enquanto Hall atribui a questão da fluidez identitária ao constante movimento de transformações sociais, Simone de Beauvoir, em *O Segundo Sexo*, oferece uma análise mais crítica da construção social da identidade, focando suas análises na questão da identidade feminina. Ela argumenta que a identidade feminina não é uma essência biológica, mas uma construção social imposta pelas normas patriarcais. Beauvoir afirma que as mulheres são socializadas para se conformarem com papéis impostos e expectativas que limitam sua liberdade e autonomia, destacando a famosa afirmação da autora de que "não se nasce mulher, torna-se mulher" (Beauvoir, 2016).

Beauvoir afirma que as mulheres são moldadas desde o nascimento. Essa interferência social perpetua a ideia de que elas são inerentemente diferentes e inferiores aos homens, uma construção que Beauvoir descreve como *Outro*. A autora observa que as mulheres são definidas em oposição aos homens, sendo relegadas a papéis secundários e de subordinação.

A famosa citação que abre uma discussão sobre a identidade feminina em *O Segundo Sexo* "não se nasce mulher, torna-se mulher" encapsula a ideia de que a feminilidade é um papel aprendido e imposto pela sociedade, não uma característica intrínseca ao feminino. Segundo Beauvoir, a mulher é definida e diferenciada em relação ao homem e não ele em relação a ela; ela é o inessencial em face do essencial. Ele é o Sujeito, ele é o Absoluto: ela, o *Outro* "[...] se o homem se restringe a ter sem dar ou a dar sem ter, ela se sente manobrada; desde que se realiza como *Outro*, ela é o outro inessencial; é-lhe necessário negar a alteridade" (Beauvoir, 2016, p. 137).

Beauvoir critica as estruturas patriarcais que impõem papéis de subordinação às mulheres. Ela argumenta que o patriarcado utiliza uma combinação de normas sociais, culturais e políticas para manter as mulheres em uma posição de inferioridade. Essas normas são perpetuadas através da educação, da religião, da mídia e de outras instituições sociais que promovem a ideia de que as mulheres devem ser passivas, dependentes e submissas. Para Beauvoir, a libertação das mulheres envolve a rejeição dessas construções sociais restritivas. Ela propõe que as mulheres devem reivindicar sua autonomia e liberdade, desafiando os papéis tradicionais e criando novas formas de identidade que não sejam baseadas na subordinação aos homens. Essa libertação requer uma transformação radical das estruturas sociais e culturais que perpetuam a desigualdade de gênero.

A análise de Beauvoir sobre a construção social da identidade feminina teve um impacto profundo no feminismo contemporâneo. Sua obra influenciou gerações de feministas, inspirando movimentos que lutam pela igualdade de gênero e pelos direitos das mulheres. A crítica de Beauvoir ao patriarcado e sua defesa da liberdade e autonomia

das mulheres continuam a ser relevantes na luta contra as desigualdades de gênero e na promoção de uma sociedade mais justa e equitativa.

Integrando as ideias de Stuart Hall sobre a identidade na pós-modernidade, é possível observar como as estruturas sociais e culturais influenciam a construção da identidade feminina. Hall argumenta que a identidade é fluida e multifacetada, moldada por múltiplos discursos culturais e históricos. Para Hall

> As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada "crise de identidade" é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (Hall, 2006, p. 1).

Essa perspectiva de Hall complementa a crítica de Beauvoir ao mostrar como as identidades femininas são continuamente negociadas e reformuladas em diferentes contextos sociais e culturais. O que propõe a autora como resistência do gênero feminino, ou seja, quando ela provoca nas mulheres uma reflexão sobre a questão da aceitação imposta socialmente, há, portanto, uma materialização dos conceitos de Hall sobre a dinâmica de movimento da formação identitária do sujeito.

A construção social da identidade feminina, como analisada por Simone de Beauvoir, destaca a influência das normas patriarcais e das expectativas sociais na definição do papel das mulheres. Ao desafiar essas construções e reivindicar sua autonomia elas podem transcender as limitações impostas pela sociedade patriarcal. As teorias de Beauvoir, juntamente com as perspectivas pós-modernas de Stuart Hall, oferecem uma compreensão abrangente das dinâmicas identitárias na contemporaneidade, sublinhando a importância de uma abordagem interdisciplinar para entender e transformar as estruturas de poder e opressão que moldam as identidades, em especial a feminina.

Tanto Hall como Beauvoir reconhecem que a identidade é moldada por fatores externos e não é inerentemente fixa. Ambos enfatizam o papel das estruturas sociais e culturais na formação das identidades, seja através das forças pós-modernas da globalização e da mídia (Hall) ou das normas patriarcais e expectativas de gênero (Beauvoir).

Ao explorar as convergências entre as teorias de Stuart Hall e Simone de Beauvoir, entramos em um diálogo profundo sobre a construção da identidade na era contemporânea. Ambos os pensadores, apesar de suas abordagens distintas, oferecem visões complementares sobre como as identidades são formadas, contestadas e transformadas no tecido social.

Stuart Hall, em *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, argumenta que a identidade não é uma essência fixa, mas um processo contínuo de construção e reconstrução, moldado por contextos históricos, sociais e políticos em constante fluxo. Ele desafia as noções essencialistas de identidade ao afirmar que "a identidade plenamente

unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (Hall, 2006, p. 13). Em vez disso, Hall sugere que, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados com uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis (Hall, 2006, p. 13). Essa multiplicidade é essencial para compreender a complexidade da experiência humana na pós-modernidade.

Ao analisar as ideias de Hall e Beauvoir, notamos que ambos enfatizam que as estruturas sociais e culturais desempenham um papel crucial na formação das identidades. Hall aborda as forças pós-modernas da globalização e da mídia, enquanto Beauvoir se concentra nas normas patriarcais e nas expectativas de gênero. Essa convergência revela um ponto central: as identidades são influenciadas por discursos e práticas sociais que operam tanto em nível macro (globalização) quanto em nível micro (relações de gênero).

A visão de Hall sobre a identidade como um “ponto de articulação” ressalta a fluidez e a multiplicidade das identidades na sociedade contemporânea. Ele vê a identidade como algo que pode ser negociado e transformado continuamente, uma perspectiva que ecoa a crítica de Beauvoir às construções sociais restritivas que definem a feminilidade. Beauvoir propõe que as mulheres devem desafiar esses papéis tradicionais e criar novas formas de identidade que não sejam baseadas na subordinação aos homens. Essa luta pela autonomia e liberdade feminina encontra um paralelo na insistência de Hall de que a identidade é um campo de negociação e contestação contínua.

Hall e Beauvoir nos convidam a considerar a identidade como uma construção dinâmica e de múltiplas possibilidades, influenciada por uma série de vetores de poder, como o patriarcado, a mídia e a globalização. Ao integrar suas perspectivas, obtemos uma compreensão mais rica e complexa da identidade na contemporaneidade, vendo-a como um processo dinâmico e constantemente desafiador.

Em última análise, as teorias de Hall e Beauvoir se encontram na insistência de que a identidade é uma construção social sujeita a transformação. Ambas as abordagens destacam a importância de desafiar as normas e estruturas que restringem a expressão da identidade, seja através das forças da globalização e da mídia ou das normas patriarcais de gênero. Essa interseção teórica sublinha a relevância de uma abordagem interdisciplinar para entender e transformar as estruturas de poder e opressão que moldam nossas identidades. Este diálogo entre Hall e Beauvoir nos oferece uma visão poderosa e esperançosa da identidade como um processo em constante evolução, aberto à contestação e à reinvenção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estabelecer uma conexão entre as teorias de Stuart Hall e Simone de Beauvoir, este artigo revela como a compreensão da identidade é enriquecida pela análise das forças sociais, culturais e históricas que moldam as experiências individuais. A abordagem

pós-moderna de Hall complementa a crítica feminista de Beauvoir, oferecendo uma visão abrangente da identidade como um processo dinâmico e contestado, influenciado por múltiplos vetores de poder e resistência. É evidente que ambos os pensadores oferecem contribuições inestimáveis para a compreensão da identidade na contemporaneidade. Suas obras, embora focadas em aspectos distintos, convergem em muitos pontos e se complementam de maneira profunda, proporcionando uma visão abrangente e multifacetada das dinâmicas identitárias.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. ***O segundo Sexo***: Volume 1. 3 ed. Rio de Janeiro - RJ- Brasil: Nova Fronteira, 2016.

HALL, S. ***A Identidade cultural na pós-modernidade***. Rio de Janeiro; DP & A, 2006.

MARANDOLA JR, Eduardo; DAL GALLO, Priscila Marchiori. ***Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração***. Revista Brasileira Estudos de População, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 407-424, jul./dez. 2010.

Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102309820100002000010&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 17 jul. 2024.

ORTIZ, R. ***Cultura brasileira e identidade nacional***. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SILVA, T. T. da. ***A produção social da identidade e da diferença***. In: SILVA, T. T. da (org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

ORTIZ, R. ***Cultura brasileira e identidade nacional***. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SENHORAS DA TERRA: A MORTE E A GUERRA PELO OLHAR DAS POETAS PALESTINAS

Data de submissão: 10/09/2024 *Data de aceite: 01/10/2024*

Raísa Almeida Feitosa
Mestranda em Linguagens e Letramentos pelo PROFLETRAS-UFPE

O pó da terra vem de longe,
vem das profundezas da Palestina
para tocar meu rosto, e eu choro...
Fatima Ahmad (2022)[1]

1 I "ENTRE UM MAR BLOQUEADO E DUAS FRONTEIRAS HOSTIS"[2]

Tenho a face molhada de vertigens, dentro do olho flutua um oceano, que nasce e morre em silêncio. Essa é a sensação que os poemas dos palestinos suscitam, misto de incredulidade, revolta e profunda solidariedade. O lirismo de seus versos está transpassado pelo espaço-tempo no qual se situam os autores, que vencem a incomunicabilidade da experiência poética em face da urgência: dizer é estar vivo. Aponta Paz (1982) que a imagem poética é uma reconciliação da pessoa consigo mesma. No caso dos palestinos, a nação torna-se essa imagem que transcende a mera representação e as individualidades que a evocam, é uma abundância de vozes unificadas em um só *clamor* – palavra acionada em todas as suas acepções: grito de protesto; súplica; procissão de fiéis que rezam juntos em voz alta.

Neste ensaio, objetiva-se comentar poemas de autoras palestinas distantes no tempo, porém próximas na *dor*, transmutada em matéria-prima da criação poética. Os primeiros poemas a serem analisados são de autoria de Fadwa Tuqan e Randa Hamawi, ambos estão disponíveis na obra "Lamentos dos oprimidos" (1971). Os dois outros, das autoras Amal Abuqamar e Muna Almassdar, foram publicados na obra "Gaza, terra da poesia" (2022). O tempo entre a publicação dos dois livros não distancia os textos de modo algum, infelizmente, as conjunturas em que nasceram é da mesma natureza:

1 Poeta nascida na cidade de Gaza ("o rosto da Palestina que não envelhece"). Trad.: Maria Carolina Gonçalves.
2 Descrição da Faixa de Gaza disponível na apresentação do livro "Gaza, terra da poesia", pela editora Tabla. Disponível em: https://editoratabla.com.br/apresentacoes/gaza-terra-da-poesia/. Acesso em: 16/01/2024.

insuportável, dada a iniquidade do ser humano em sua busca por poder e dominação. A escolha das obras, e com esse intervalo entre elas, visa demonstrar que já estava em curso o assassinato de pessoas e a invasão de terras palestinas antes da resposta israelense ao ataque do Hamas no dia 08 de outubro de 2023 contra participantes de uma *rave*. É importante conhecer, ainda que minimamente, os fatos ocorridos após o fim da Segunda Guerra Mundial que desencadearam a ocupação da Palestina e a imposição de uma condição de subalternidade aos árabes da região.

Os judeus foram vítimas de um extermínio pelos alemães nazistas, os quais, como se sabe, eram guiados por um ideal de raça superior. Contraditoriamente, findo o holocausto, descobertos os campos de concentração e todo o terror vivido pelos prisioneiros, é dado aos judeus um território em terra já habitada por cidadãos que foram desconsiderados na intenção da ONU de reparar as vítimas do nazismo (ainda hoje o Estado da Palestina não é reconhecido pela entidade, foi declarado como "Estado observador não membro" em 2012[3]). Como denuncia Jubran, poeta palestino: "Ai, almas dos que morreram/ Nos presídios nazistas!.../ Se soubésseis vós!.../ Se soubésseis!..." (1971, p. 78).

As obras "Lamentos dos Oprimidos" (1971) e "Gaza, a terra da poesia" (2022) trazem textos-testemunhos que dissolvem a ideia hegemônica de humanidade, lançando luz sobre suas contradições e denunciando o *sofrimento humano injusto*[4] – quais pessoas, de que lugares, etnias e estratos sociais, são protegidas efetivamente pela ONU e por documentos como a Declaração Universal dos Direitos Humanos, promulgada em 1948? Diante do exposto, considero importante falar brevemente dos contextos em que dois os livros foram lançados, os quais são indissociáveis da atual situação enfrentada pelos palestinos ante a beligerância e intransigência do estado de Israel.[5]

Ambas as publicações são reverberações da luta do povo palestino. A Missão da Liga dos Estados Árabes foi responsável pela curadoria e lançamento da obra "Lamentos dos Oprimidos" (1971), movida pela intenção de esclarecer o público brasileiro a respeito do problema. Challita (1971, p. 9), prefaciador e Ministro Plenipotenciário da LEA no Brasil à época, chama atenção para o fato de que o livro "não se trata apenas de lamentos", pois "há também revolta, a decisão de resistir, a determinação de lutar", há esperança. Dr. Henrique Adri, que apresenta o livro, comenta que a literatura palestina era até então desconhecida pelos brasileiros e que a produção dos poemas selecionados foi feita sob constante ameaça e vigilância, caracterizando-a, portanto, como uma "poesia da resistência" (1971, p. 11).

Fruto da mesma verve, a antologia "Gaza, terra da poesia" (2022) representa "vida úmida na faixa seca dos oprimidos" (Sleiman; Jubran, 2022, p. 7) e, como esclarece Michel

---

3 Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/articles/cw4d3940g8do. Acesso em: 16/01/2024.

4 Expressão do sociólogo português Boaventura de Sousa Santos no seu texto "Se Deus fosse um ativista dos Direitos Humanos" (2013).

5 Verificar a notícia publicada nos últimos dias de 2023 a respeito da declaração do premiê de Israel, Netanyahu, acerca da previsão de continuidade da guerra por vários meses "até uma vitória israelense": https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/12/30/premie-de-israel-diz-que-guerra-contra-hamas-vai-continuar-por-muitos-meses.ghtml. Acesso em: 15/01/2024.

Sleiman, coordenador da equipe de tradução, e Safa Jubran, tradutora convidada a unir forças com o Grupo de Tradução da Poesia Árabe Contemporânea (GTPAC-USP), o livro não trata de esperança, "é a própria esperança". Os leitores brasileiros são apresentados às vozes da nova geração de poetas da Palestina, residentes da Faixa de Gaza, onde nasceram e onde (r)existem, refugiados na própria terra – sob ataque há mais de meio século.

2 | POESIA É POLÍTICA

Uma harpa que toca a si mesma: o sujeito biográfico se "suicida" para se tornar eu lírico, como sugere o poema "O Milagre", de Nauro Machado[6]. Contudo, se o texto poético surge ante circunstâncias concretas de extrema violência e privação, o sujeito biográfico, nesse caso, pode entrincheirar-se em sua criação, sobrevivendo através do eu lírico; este, reintegrado à continuidade perdida[7], aquele, movido pelo seu direito de permanecer no plano descontínuo, isto é, vivo.

Em meio à pobreza, à guerra, a um genocídio e um domicídio[8], poesia para quê? Siscar (2010, p. 32) dispõe que "o sentimento de crise deve ser reconhecido como um traço característico, de natureza ética, da constituição do discurso literário moderno." Assim, as poéticas que emergem do estado de coisas exposto na pergunta que abre o parágrafo estarão, de algum modo, tocadas por ele.

Lukács (2000, pp. 119-120) propõe que a subjetividade lírica colhe fragmentos do caos circundante e os une interiormente. Compreendo, a partir de Andrade (2023), que as imagens urdidas, mesmo trágicas, contém o erotismo que afasta o poeta (e o leitor) de seu isolamento e os reúne na eternidade possível que a experiência estética engendra. Isso porque, o erotismo, segundo Andrade[9] (2023, p. 152), suscita uma "emoção criadora de um instantâneo de enlevo que transporta o leitor para fora dos limites de seu 'eu' singular, imergindo-o num misto de prazer universal." Logo, se por um lado, o poema pode "gritar" o sofrimento humano injusto, por outro, ao ser lido, permite ao ser humano reencontrar a totalidade da qual faz parte.

A poesia, devido à sua capacidade de desestabilizar os imaginários compartilhados socialmente e, dessa forma, descentrar os sujeitos, fazendo-os enfrentar o sempre (nunca) visto, potencialmente cria uma zona de confronto intersubjetivo. Logo, é eminentemente política. Nesse sentido, os palestinos, cuja "[...] paciência é imensa/ maior ainda que o

---

6 "Muitos parece que estão por dentro/ como os olhos de Lúcifer nas trevas./ No entanto o Espírito do Homem sopra/ a folhagem verde do amanhecer:/ nós nos suicidamos mas seremos/ perdoados, nós nos suicidamos/ para resistir às fúrias do inferno."

7 No sentido de Georges Bataille, interpretado por Janilto Andrade (2023).

8 Termo utilizado na cobertura midiática dos ataques de Israel contra a Faixa de Gaza, significa "'destruição deliberada programada de casas e lares". Disponível em: https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/aberturas/domicidio-enantiossema-dorama-blogodesenvolvido-e-o-portugues-em-macau/2842. Acessado em: 15/01/2024.

9 Em consonância com o conceito proposto por Octávio Paz, a saber: erótica verbal, segundo a qual todo poema é erótico.

espaço" (Zayyad, 1971, p. 74), criam uma ética própria com sua poética de resistência e esperança. Segundo o Dr. Henrique Adri, na Palestina pós-1948, "As produções literárias nunca eram passadas para papel. Permaneciam na mente de seus autores, que as transmitiam, oralmente, aos seus compatriotas. Qualquer transcrição poderia culminar em condenação fatal (...)" (1971, p. 14).

Poemas serem políticos não implica dizer que são panfletários, mesmo os poemas deliberadamente de protesto não devem ser adjetivados dessa forma *a priori*. A imagem poética da Palestina, criada pelos autores nativos nas circunstâncias já delineadas, por exemplo, não se desvanecerá quando os palestinos, por fim, conseguirem assegurar seu direito de existir. Defendo que o país, referenciado em vários poemas das coletâneas mencionadas, não é apenas uma imagem-representação, pois foi alçado à dimensão transcendente da poesia.

Tendo em vista a lógica mercadológica que invade os âmbitos da vida cotidiana, interessa dizer que a experiência de leitura das obras em discussão contradiz o paradigma neoliberal, subverte-o. Siscar (2010, p. 38) questiona se é possível contrapor-se, hoje em dia, a uma "fruição consumista, hedonista e destruidora", também se é possível assegurar lugar para "aquilo que não tem espaço nos padrões de veiculação ou de atribuição de prestígio cultural". A poeta Almassdar (2022, p. 18) traz perguntas que são também respostas a essas indagações: "Quem apaga a guerra dentro de mim/ e me empresta um pouco de esquecimento? [...] Alguém aqui corajoso o bastante/ para almadiçoar a guerra escondida em nosso pão?/"

Em certas circunstâncias, existir por si só pode ser uma afronta. Nesse contexto, a literatura e a arte permitem-nos pensar a partir do Outro, tornando-nos diferentes de quem éramos antes da leitura, um "alterleitor" (Xypas, 2018). A poesia cria ambiências afetivas que podem alterar nossos esquemas cognitivos: o que se supõe saber entra em suspensão para devir-desconhecido. Vale ressaltar, a poesia não se reduz ao gênero poema, é uma atividade intrinsecamente humana, "um exercício espiritual" (Paz, 1982, p. 21). Como diz o cineasta russo Tarkovski (2010, p. 18), "[...] é uma consciência do mundo, uma forma específica de relacionamento com a realidade." Compreendo-a como insubmissão ante o modo de ver que a família, a escola, a mídia e outras instâncias sociais nos ensinam. Nesse sentido, Carlos Felipe Moisés assevera: "toda poesia genuína [...] é subversiva." (2019, p. 29)

No caso das autoras cujos poemas serão comentados, a poesia é também dirigir-se à morte, como expresso neste título: "Para a morte. Quando a morte virou símbolo nesta cidade?" Esse poema de Abuqamar (2022, p. 15) a traduz assim: "A morte aqui é a luta,/ luta entre as coisas esvaziadas de sua realidade/ e uma mulher que, como eu, esfrega o corpo com o sal do nada." Pode-se dizer que suas criações, assim como as dos outros autores de ambas as antologias, dialogam com a visão de Bosi[10] sobre a poesia como "resposta

10 Entrevista dada à FAPESP em 2003. Disponível em: https://revistapesquisa.fapesp.br/poesia-como-resposta-a-

às ideologias opressivas", uma vez que ela tem (ou pode ter) "o papel de contradizer a generalidade abusiva das ideologias, em especial das ideologias Dominantes".

3 | "TUDO AQUI MORRE, TUDO MENOS OS MORTOS."[11]

Por que escolher poetas mulheres? As experiências da invasão e da guerra apresentadas pelos escritores de "Lamentos dos oprimidos" (1971) e "Gaza, terra da poesia" (2022) são dilacerantes, contudo, em alguns casos, chamam para o "homem" o peso do que está acontecendo, ao denunciarem, por exemplo, a usurpação do "[...] direito/ dos homens pacíficos/ que não pecaram."[12] Diante disso, é relevante abrir espaço para a experiência literária a partir da escrita feminina e vivenciar sob sua ótica a realidade, que elas "reinventam" ao mesmo tempo em que denunciam.

Outra razão para a escolha se deve à intenção de descontruir o estereótipo[13] ocidental a respeito da mulher árabe. Vistas como "Criaturas frágeis e oprimidas que desaparecem sob o xador ou a burca", conforme destacou Sahar Khalifeh, escritora palestina, em conferência realizada na Universidade de Londres em 2015. Representando a intelectualidade árabe feminina, Khalifeh deixou seu manifesto:

> Desejo que um leitor ocidental possa sentir o que eu sinto, temer o que eu temo; quero que tenha consciência da dor que seus governantes colonialistas infligem a nossos povos, da dor que infligem a mim. Seus meios de comunicação me transformam em estereótipo, condenam-me, falsificam-me. Quando apresentam uma mulher de burca como a encarnação da mulher árabe, eles subentendem que a escritora que sou, assim como milhares de outras mulheres instruídas e milhões de mulheres árabes modernas – muçulmanas e cristãs – que vivem em países árabes são apenas aquilo: uma sombra cabisbaixa, um corpo sem forma, incapaz de pensar e se expressar. (Khalifeh, 2015)

Essas palavras são importantes para não olharmos os poemas das palestinas a partir de uma lente preconceituosa ou distorcida, mas com respeito e abertura para ouvir suas vozes. Um contraste interessante entre os dois livros é a quantidade de mulheres escritoras em cada um "Lamentos dos Oprimidos"(1971) conta com duas autoras, Fadwa Tuqan e Randa Hamawi, cujos poemas serão comentados a seguir."Gaza, terra da poesia"(2022) tem a presença de dez escritoras, dentre as quais, Amal Abuqamar e Muna Almassdar, cujos textos foram selecionados para este ensaio. Esse dado parece refletir o discurso de Khalifeh sobre a busca e conquista das mulheres por maior espaço.

Iniciaremos com os poemas de "Lamentos dos Oprimidos" (1971). As autoras presentes na antologia têm lentes geracionais distintas, por um lado, temos a voz de

-opressao/. Acesso em: 17/01/2024.

11 Verso do poema "Para a morte", por Amal Abuqamar (2022, p. 15), escolhido como título da seção porque evidencia o espírito de resistência das palestinas, algo que une suas criações.

12 Fragmento do verso do poema "O inimigo", por Tawfic Zayyd (1971, p. 73)

13 Como diz a autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie em seu ensaio "O perigo de uma história única" (2019), o problema do estereótipo é que se trata de uma verdade incompleta.

uma mulher que, à época da publicação, contava quarenta e poucos anos e já possuía um percurso poético que lhe permitiu falar da morte com extrema leveza, do outro, uma adolescente de dezesseis anos cuja voz poética nasce e, ato contínuo, lança-se como amor à terra natal e oferecimento de si para enfrentar aqueles que sequestram a terra e a vida de seu povo.

Borges (2000, p. 24) diz que "[...] qualquer coisa sugerida é bem mais eficaz que qualquer coisa apregoada.". O poema "Enamorado de sua morte", de Fadwa Tuqan (1971, p. 135), é feito de sugestões, que o título encaminha para uma alusão maior, Eros e Tânatos estão presentes nessa delicada erotização da morte. Nos primeiros versos, temos: "Deixam-me os sonhos ao sorrir da aurora./ Vejo voar meu pássaro,/ Deixar-me antes do tempo,/ Ir-se-me da mão no remoinho dos ventos/ Desdobrar as asas em seu último estertor./ Empurrar os ventos/ E cair dos mirantes da aurora." As escolhas lexicais nos comunicam leveza: sonhos; sorrir; aurora; pássaro; ventos; asas. A expressão que contradiz essa sensação é "último estertor", também o último verso com a imagem da queda. A leveza é realçada pela sonoridade, as assonâncias e aliterações que embalam o verbal ritmicamente. O recurso da repetição de palavras não se deve apenas à musicalidade buscada, a "aurora" que sorri no primeiro verso é, depois, o palco da queda.

Na segunda estrofe, a metáfora do pássaro permanece enigma, contudo, as sugestões vão se aninhando numa possível interpretação: "E as rochas, abrindo-lhes os braços/ como arroios de seda,/ Recolhem o meu pássaro,/ Que me abandonou antes do tempo/ E as pátrias recobram o seu filho/ Para seu velho coração, ainda vivo. [...]" A personificação, utilizada desde o primeiro verso, é um recurso que integra humano e a natureza, anuncia o retorno do corpo a um corpo maior, que o acolhe. A imagem dos braços do "pássaro" sendo abertos como "arroios de seda" expressa singeleza e apuro estilístico.

O pássaro vai se revelando em sua possível significação: partiu antes do tempo, empurrou os "ventos" (talvez metáfora para a causa de sua derrocada), "abandonou antes do tempo" quem o amava, retornou às "pátrias". Antes de propor uma interpretação, vejamos a última estrofe:

> Oh, coral com os ramos estendidos/ Para ambos os lados do caminho!/ Estou enamorado de minha morte/ Ao tempo de minha entrega redentora/ Estou enamorado de minha morte/ Sob tua sombra submergida.

A mudança para a primeira pessoa do discurso e o canto desse "pássaro" que está "enamorado de sua morte" são reveladores. Como no poema "Eu sabia o que fazer", de Randa Hamawi, morrer pela Palestina parece ser a demonstração máxima de amor à pátria e tudo que ela representa. Ainda que precoce, ainda que injusta, a morte é ressignificada pelos que a ela se entregam porque se recusaram a entregar sua terra, sua casa, sua dignidade aos "ventos" que tudo devassam, logo, é uma morte "redentora". Talvez mesmo para uma mãe que perca seu filho nessas circunstâncias... A imagem poética do corpo sob o coral cujos ramos se estendem para todas as direções é cheia de ternura, como um

enlace amoroso. O lirismo aqui é social, é político.

Hamawi (1971. pp. 213-214), por sua vez, é mais direta, e a primeira palavra de seu poema é “PALESTINA...”, grafada dessa forma e acompanhada de reticências, o que, por si só, revela a dramaticidade do “Eu sabia o que fazer”. Embora seja um poema sem camadas metafóricas, enternece pela forma sincera como expressa a tristeza que consome o eu lírico, o qual questiona a si mesmo entre lágrimas e orações: “Mas o que eu podia fazer?”. Revela-se o desejo de luta, o impedimento devido à pouca idade, a realidade convocando à ação: “Vi os corpos estendidos/ Dos homens que eles abateram/ Ouvi tua voz num apelo./ E soube então o que fazer...” Os verbos, até então, estavam conjugados no pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito do modo indicativo e subjuntivo, a partir daí, irrompe o tempo presente do modo indicativo: “Agora, estou aqui jazendo,/ E lutei, lutei por ti./ Disseram que eu não podia lutar,/ Eu fiz aquilo que podia...”. Na última estrofe, o eu lírico reforça que disseram que era muito jovem para lutar, mas que quem o disse ignora “Que ninguém é jovem demais/ Para doar a vida por ti.../”. A poesia aqui se intensifica quando o eu lírico dirige-se à Palestina não como um território geopolítico, imagem-representação, mas como existência, união de todas as pessoas que lá viveram, vivem e viverão, portanto, imagem-poética.[14]

Em “Gaza, terra da poesia” (2022) também encontramos poesia política multiforme, temos um lirismo repleto de metáforas, com “Leite amargo”, de Abuqamar (pp. 13 - 14), acompanhado de um lirismo direto, interrogativo, mas que, em seu todo, alça-nos além da imagem-representação, falo de “Joguinho”, de Almassdar (p. 18).

O título do poema de Abuqamar carrega significações que se entrecruzam com as referências pessoais do leitor a respeito do lexema “leite”. Os primeiros versos sugerem que o eu lírico feminino se dirige ao leitor: “Abra a boca um pouco.../ assim/”. No verso seguinte, Abuqamar “desmetaforiza” a noite – “A noite é como a noite” –, para nos fazer encarar sua empiria, logo depois, por meio de comparações metafóricas, metáforas e personificações vai desvelando a noite acre cuja realidade é realçada e, ao mesmo tempo, não denota apenas o espaço de tempo em que o sol está ausente: a noite é “cinzel que esculpe o desejo num corpo,/ desejo que esculpe o vazio num rosto,/ vazio que esculpe as paredes da aflição./” Essa gradação culmina numa exclamação, seguida por camadas metafóricas que referenciam o mundo empírico imediato e, paralelamente, alçam-nos a uma dimensão poética atemporal tão terrível quanto sublime: “/Meu Deus!/ Meu ventre incha e se arredonda./ Carrego no corpo um míssil de guerra./ Ao que parece esse míssil se alojou durante as núpcias dos cadáveres atrás do rio.” Mais do que tentar “decodificar” a expressão “núpcias dos cadáveres”, talvez deixar a imagem reverberar faça maior justiça a dor que subjaz a ela.

A presença crescente do feminino nesse poema deixa bastante claro o recorte de

14 Conforme discussão proposta por Octávio Paz em “O arco e a lira” (1982). Nesta obra, o autor diz que o ser humano se reconcilia consigo transformando-se em imagem – cujo sentido está nela mesma.

gênero: “Minha mãe me espera nos ombros da noite./ Domina-a o demônio do medo e ela grita./ O nada me belisca na parte abaixo da cintura./ e entra em mim num armário abandonado.” Que força expressiva e transfiguradora tem o lexema “nada” nesse verso! Mais uma vez a metáfora e a personificação – “me beslica”; “entra em mim” – unem realidade e forma com pungência. A antepenúltima estrofe consolida a imagem poética da guerra atrelada ao masculino e sua potencial virulência: “Sussurro:/ O senhor me fez estéril,/ não darei à luz a existência./ Ele sussurra:/ Não creio no Senhor como creio no coito da Guerra após cada derrota,/ Não vejo o Senhor, vejo cadáveres, sempre.” Na quarta-capa da obra há uma pergunta que volta à mente após a leitura desses versos: “O que nos resta dizer/ exceto que/ a salvação/ é/ uma mentira?” Na penúltima estrofe, descobre-se que aqueles primeiros versos tinham um interlocutor, embora o leitor possa ser duplo da criança poemática: “E você volta./ Criança que esqueceu na boca o mamilo da mãe e fugiu./ Ainda se delicia com o gosto do leite seco.” Na última, a impressão é que a criança, de fato, é o leitor: “Você entende o que significa crescer em seu corpo o legado da derrota, do medo e da fraqueza e a amargura do leite materno”? Cabe a cada um responder a essa pergunta em sua solidão e finitude...

Muna Almassdar, com seu poema “Joguinho”, traz os lexemas “guerra” e “noite”, presentes em “Leite amargo”, de forma direta e questionadora, como se os dois poemas urdissem um diálogo pesaroso repleto de revolta: “Quem apaga a guerra dentro de mim/ e me empresta um pouco de esquecimento?/ Quem redefine minha noite/ e a dor dos rebeldes mais eminentes embaixo dos destroços?” E o eu lírico segue perguntando, como se devolve a vida, a história, a memória, cada detalhe singular do cotidiano dos conterrâneos cujas existências foram ceifadas? Também lança mão da linguagem figurada para realçar a imagem poética da guerra através do lexema “bombardeio”, numa contiguidade semântica que caracteriza a metonímia e nos faz pensar em quem ataca: “Há alguém que se atreva a beliscar minha bochecha?/ diante da falta de sono e da fúria do bombardeio?” Volta a realçar a imagem maior, que congrega todas as outras, concentrando-a semanticamente, condensando-a no lexema “pão”: “Alguém aqui corajoso o bastante/ para amaldiçoar a guerra escondida em nosso pão?”

Após ver imagens factuais de unidades comerciais e residenciais destruídos, certos versos tiram-nos o chão. Um jovem influencer chamado Ahmad[15], em tempo real, desesperado, gravou um vídeo do exato momento em que sua casa foi bombardeada. No poema, surge a pergunta, cujos matizes metafóricos intensificam os sentidos comunicados que nos recordam de cenas como as filmadas por Ahmad: “Alguma janela onde eu reúna as nuvens do fim/ do dia/ e impeça a noite de dar os primeiros passos?/” E finaliza mesclando

15 Trata-se de Ahmad Ghunaim, jovem palestino que, antes do ataque se intensificar em outubro de 2023, tinha uma start-up e gravava vídeos divulgando a cultura e a beleza da Palestina para o mundo, agora, usa seu perfil e canal de transmissão no Instagram e canal do Youtube para denunciar o que está acontecendo e assegurar a seus seguidores de que continua vivo. Vídeo mencionado no ensaio disponível em: https://www.instagram.com/reel/Cy0KmysggPD/?igsh=MWhqMXV0Y2ZpZ3JrdA== Acesso em: 18/01/2024.

denotação e conotação de maneira ímpar em seu protesto: “É possível comprar uma língua e um coração tranquilo? Quem sabe assim eu possa falar da carnificina ou apagar, talvez, o fogo da guerra dentro de mim.”

4 I O COLAPSAR DO HORIZONTE CIVILIZATÓRIO: A METÁFORA COMO ESPIRITUALIDADE POSSÍVEL

Os sentidos caducaram dentro de mim,

minhas palavras estão frágeis, já não vêm à mente,

todas as linhas são miragens, minha tinta teme.

Fatima Ahmad (2022)

Carlos Felipe Moisés, a respeito da expulsão dos poetas por Platão em “A república”, assevera: “Expulsar o poeta é reconhecer-lhe o poderio”. (2019, p. 39) Ameaçá-lo, prendê-lo, torturá-lo, fazer com que evite escrever no papel e, em vez disso, passe de boca em boca os versos que povoam a sua cabeça, é reconhecer-lhe a imortalidade. As senhoras da terra, as poetas palestinas cujas vozes se presentificaram aqui, tem em cada leitor não só uma testemunha, mas um lugar onde permanecerão, um lar seguro. Lendo-as, não as deixamos sós. A intensidade pura de seus versos nos amplifica, embora não possa nos redimir por tudo que nossa espécie fez e faz contra as diversas formas de vida.

Cecília Meireles ensinou-nos: “A vida só é possível/ reinventada”[16]. E os autores e autoras de “Lamentos dos Oprimidos” (1971) e “Gaza, a terra da poesia” (2022) sabem disso melhor do que ninguém. São “poetas combatentes”, são sobreviventes da iniquidade humana. Ademais, mostram-nos a metáfora como espiritualidade possível em tempos de barbárie, quando a própria religião é capitalizada como justificativa para atrocidades que ampliam a distância entre o ser humano que somos e o ser humano que deveríamos ser.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. Trad. Tradução de Júlia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ANDRADE, J. **Erotismo e morte nas artes.** Rio de janeiro: Confraria do Vento, 2023.

BORGES, J. L. **Esse ofício do verso.** Trad. De José Marcos Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CHALITA, M. (org.) **Lamentos dos Oprimidos.** Trad. Nadir Mariano de Campos; Aurélio de Lacerda (Coleção Tempo de Libertação). [s.l.]: Liga dos Estados Árabes do Brasil, 1971.

16 Verso do poema “Reinvenção”. Disponível em: https://desacato.info/reinvencao-poema-de-cecilia-meireles/ Acesso em: 18/01/2024.

KHALIFEH, S. Mulheres árabes: uma emancipação abortada (2015). Disponível em: https://diplomatique.org.br/a-armadilha-das-imagens-ocidentais-que-representam-as-mulheres-arabes/. Acesso em: 16/01/2024.

MOISÉS, C. F. **Poesia para quê?** A função social da poesia e do poeta. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

PAZ, O. **O arco e a lira.** Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos**. São Paulo: Cortez, 2013.

SISCAR, M. **Poesia e crise.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

TARKOVSKI, Andrei. **Esculpir o Tempo**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

TAYSIR, M. (org.) **Gaza, terra da poesia**. Trad. Grupo de Tradução da Poesia Árabe Contemporânea (GTPAC-USP). Rio de Janeiro: Tabla, 2022.

XYPAS, R. **A leitura subjetiva no ensino de literatura**: apropriação do texto literário pelo sujeito leitor. Olinda, PE: Nova Presença, 2018.

CAPÍTULO 5

REDES DE ALTERIDADES: AS MEMÓRIAS SONÂMBULAS EM *MENINO SEM PASSADO (1936-1948)*, DE SILVIANO SANTIAGO

Data de submissão: 06/08/2024 *Data de aceite: 01/10/2024*

Mirella Carvalho do Carmo
Mestra e graduada em Letras pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). É integrante do Grupo de Pesquisa "Linguagem Literária e Educação Estética" (CNPq/UFLA) e do Grupo de Pesquisa "A educação dos afetos na formação inicial e continuada do professor e do discente da escola básica" (CNPq/UFSJ)

Andréa Portolomeos
Doutora em Letras — Literatura Comparada — pela Universidade Federal Fluminense (UFF). É professora associada de Literatura Brasileira no curso de Letras da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) e professora da pós-graduação em Teoria Literária e Crítica da Cultura (PROMEL/UFSJ). É líder do Grupo de Pesquisa "A educação dos afetos na formação inicial e continuada do professor e do discente da escola básica" (CNPq/UFSJ) e do Grupo de Pesquisa "Linguagem Literária e Educação Estética" (CNPq/UFLA)

RESUMO. Neste trabalho, discutimos a constituição sonâmbula das memórias em *Menino sem passado (1936-1948)*, de Silviano Santiago. Nesse sentido, compreendemos que as lembranças do "menino sonâmbulo", protagonista da narrativa, transitam simultaneamente pelo real e pelo inventado, sendo, portanto, uma forma híbrida de falar sobre si e sobre sua infância. Ademais, o sonambulismo evidencia que a narrativa de Silviano é movida pela alteridade, já que o narrador-personagem retoma diversas vezes a sua "obsessão de querer ser outro" (Santiago, 2021, p. 36). Esse exercício da alteridade permite à criança formiguense vestir diferentes identidades e reconstruir suas memórias a partir do *outro* e como se fosse *outro*.

PALAVRAS-CHAVE: Memória, alteridade, *Menino sem passado*.

ABSTRACT. In this work, we discuss the somnambulistic constitution of memories in *Menino sem passado (1936-1948)*, by Silviano Santiago. In this sense, we understand that the memories of the "sleepwalking boy", protagonist of the narrative, transit simultaneously through the real and the invented, being, therefore, a hybrid way of talking about himself and his childhood. Moreover, sleepwalking shows that Silviano's narrative is driven by otherness, since the narrator-character

returns several times to his “obsession of wanting to be someone else”. This exercise of otherness allows the child from Formiga to wear different identities and rebuild their memories from the *other* and as if they were *another*.
KEYWORDS: Memory, otherness, *Menino sem passado*.

1 I INTRODUÇÃO E PREÂMBULO À AUTOFICÇÃO BIOGRÁFICA

Menino sem passado (1936-1948) foi publicado em janeiro de 2021 pela Companhia das Letras. No livro, Silviano Santiago se autorreferencia — nomeia a criança que foi entre os anos de 1936 e 1948 — como “menino sonâmbulo”, o “menino que se fez sonâmbulo para sobreviver em meio inóspito” (Santiago, 2021, p. 63). A hostilidade do ambiente engloba não só questões familiares, como a perda prematura da mãe e o relacionamento conflituoso com o pai, mas também o contexto da Ditadura Vargas no Brasil e da Segunda Grande Guerra no mundo.

Embora seja um livro de memórias, Silviano não segue o modelo tradicional e linear da narrativa memorialística. Afinal, o narrador é um sonâmbulo, isto é, um sujeito com uma dupla vida, que habita a um só tempo o onírico e o real. Essa condição híbrida do narrador-personagem rompe com o viés dicotômico de que os fatos narrados precisam ser reais *ou* ficcionais. Silviano substitui a conjunção *ou* pela *e* para evidenciar que suas memórias são, simultaneamente, reais *e* inventadas.

Esse jogo entre realidade e fantasia é o substrato no qual Silviano Santiago constrói sua autoficção em *Menino sem passado*. Dito isso, para entendermos um pouco mais sobre essa autoficção de Silviano, recorremos ao capítulo “Tipologia da autoficção”, de Vincent Colonna (2014), no qual o teórico versa sobre quatro tipos de narrativas autoficcionais: (1) a *autoficção fantástica*, (2) a *autoficção biográfica*, (3) a *autoficção especular* e (4) a *autoficção intrusiva (autoral).* Para não expandirmos de modo excessivo essa teorização, abordaremos apenas a *autoficção biográfica*, pois é ela que flerta diretamente com *Menino sem passado*.

Na *autoficção biográfica,* o autor é entendido como o herói da narrativa, mas a fabulação da existência é ancorada em dados reais, isto é, está vinculada à ideia de verossimilhança. Alguns autores adeptos dessa modalidade afirmam verificar nomes, datas e fatos. Outros, por seu turno, preferem distorcer a realidade a serviço da “veracidade literária”, valendo-se do “mentir-verdadeiro”. Por meio do “mentir-verdadeiro”, o autor esculpe sua imagem com a liberdade “que a literatura íntima, ligada ao postulado de sinceridade estabelecido por Rousseau e prolongado por Leiris, não permitiria” (Colonna, 2014, p. 46). Essa proposta do “mentir-verdadeiro” nos remete ao enunciado paradoxal de Jean Cocteau que diz: “Eu sou uma mentira que diz sempre a verdade” [*Je suis un mensonge qui dit toujours la vérité*], enunciado que sai da boca do poeta Orfeu, como numa história em quadrinho.

O paradoxo de Cocteau demonstra o território escorregadio que chamamos de autoficção. Aliás, alguns autores levam essa contradição ao extremo, lançando ao leitor um jogo complexo de identidades, como é o caso de Silviano Santiago, o qual assinala: "esse jogo entre a autobiografia e a invenção ficcional é o que possibilitou que eu pudesse levar até as últimas consequências a verdade no discurso híbrido" (Santiago, 2008, p. 178). Assim sendo, Silviano desenvolve em suas obras a noção de "verdade poética", afirmando que a verdade, na narrativa autoficcional, é apresentada de maneira implícita, isto é, falseada e metamorfoseada pela ficção. Essa verdade "transformada" é o que revela, esteticamente, a verdade ao leitor (Santiago, 2008).

Em *Menino sem passado* (2021), Silviano segue essa linha de deformação da verdade pela ficção, chegando a revelar ao leitor, já no início do livro: "Tenho de me cuidar para não lhes dar respostas esclarecedoras e falsas" (Santiago, 2021, p. 15). Notemos, pois, que o narrador diz precisar se cuidar para não oferecer a nós leitores respostas esclarecedoras *e* falsas, marcando o hibridismo de sua narrativa que funde realidade e ficção. Desse modo, quando lemos tal passagem da obra, vemo-nos diante de uma encruzilhada que nos coloca em estado de alerta, pois não sabemos se podemos confiar ou não nos fatos narrados. No entanto, à medida que começamos a "entrar nesse jogo" da autoficção, essa hesitação nos ensina a ler de forma não dicotômica, isto é, a confiar *e* desconfiar das memórias que estamos lendo.

Retomando a figura do narrador-personagem que tem sua(s) vida(s) marcada(s) pelo sonambulismo, pensaremos, na próxima seção deste resumo, sobre a presença da alteridade na obra *Menino sem passado*. Para isso, tomaremos como ponto de partida o neologismo "alterficção", cunhado por Evando Nascimento para evidenciar que a autoficção é a reinvenção do sujeito (do *eu*) a partir do *outro* e como um *outro*.

2 | A *ALTERFICÇÃO* NA NARRATIVA DE *MENINO SEM PASSADO*

Em "Autoficção como dispositivo: alterficções", Evando Nascimento (2017) distingue a autoficção da autobiografia convencional a partir do termo "alterficção". O prefixo "alter" nos conduz à ideia de alteridade, na qual o sujeito reconhece a pluralidade que o habita, uma vez que o *eu* é *alter*ado pelo *outro* que está em sua constituição.

Em vista disso, o neologismo de Nascimento mobiliza a noção de que a autoficção não é um simples registro autobiográfico, mas sim uma *reinvenção de si* ou uma *reinvenção de si como outro através do outro ou da outra.* Com o entendimento que de que nós, sujeitos, não existimos de forma isolada, ou seja, sem a interferência do(s) *outro*(s), o teórico evidencia que "a identidade absoluta é impossível, porque nenhum indivíduo pode coincidir consigo mesmo, com a memória plena de suas vivências, tal como ocorreria, em princípio, na autobiografia clássica" (Nascimento, 2017, p. 621).

A não coincidência do sujeito consigo mesmo também é um tópico que interessa

a Mikhail Bakhtin. Bakhtin (2003) defende que a consciência individual só se constrói na interação com o *outro*. Nesse sentido, ele nos diz: “quando me vejo no espelho não vejo o mundo com meus próprios olhos desde o meu interior; vejo a mim mesmo com os olhos do mundo — estou possuído pelo outro” (Bakhtin, 2003, p. 366).

Logo, se a subjetividade passa a ser pensada sob o signo da intersubjetividade, isto é, na relação entre *eu* e *outro,* podemos entender que “o eu não passa de uma ficção do outro” (Nascimento, 2010, p. 62). Ao ser projetado *pelo outro* e *no outro*, o sujeito tem a possibilidade de se recriar e de assumir diferentes identidades e papéis ao longo da vida. Em matéria de literatura, essa capacidade de se *outrar* acabou se tornando o ofício criativo de muitos escritores de auto/*alterficção* na contemporaneidade.

Silviano Santiago, em *Menino sem passado*, admite que a alteridade é o que move sua escrita autoficcional e, por extensão, a reconstrução de suas memórias. Nesse sentido, ele afirma: “minha imaginação elabora sentimental e artisticamente a obsessão de querer ser outro” (Santiago, 2021, p. 36). Embebido desse desejo, o autor-narrador-personagem se aventura por caminhos híbridos — imaginários *e* reais — para experimentar outras vidas sem precisar, de fato, vivê-las. Para isso, ele recorre, principalmente, às páginas de gibis e às telas do cinema:

> Volto aos tempos infantis. Sobrevivo graças ao monólogo com os quadrinhos dos super-heróis e à imagem virtual de atores e atrizes nos filmes de guerra. Remédio caseiro por remédio caseiro, válvula de escape por válvula de escape, o mais eficiente deles é o exercício em tenra idade da imaginação desinibida e fantasiosa. (Santiago, 2021, p. 34).

Com os personagens dos filmes e dos gibis que retratavam o cenário da Segunda Guerra na Europa, o menino aprimorava seus “monólogos-a-dois”:

> Performado por mim, o monólogo-a-dois com desconhecidos não comporta a réplica dos interlocutores em carne e osso, ou seja, dos familiares, dos vizinhos e dos colegas de escola. São meras sombras a habitar o dia a dia consumido pelas leituras e pelas ruminações de boi no campo. O monólogo-a-dois tampouco comporta a réplica dos verdadeiros interlocutores. Eles vivem indiferentes à minha vida na província mineira. Chegam-me reproduzidos em letra, desenho e papel ou são interpretados por imagens e palavras em película de celuloide. (Santiago, 2021, p. 51-52).

Nas escritas de si, o discurso monológico pode ser uma estratégia de aproximação entre a narrativa e o leitor, na medida em que este tem a sensação de estar perto das vivências do autor. Contudo, os “monólogos-a-dois” na obra de Silviano rompem com essa ideia de que os enunciados são produzidos por um sujeito unívoco e singular, já que o acréscimo da expressão “a dois” pressupõe a existência, em níveis linguísticos e identitários, de um (uns) *outro*(*s*). Assim, quando o *eu* aparentemente pessoal se enuncia, ele carrega consigo outras subjetividades que dialogam (ou “monologam a dois”) e tecem uma rede discursiva feita a muitos timbres que ecoam da e na voz narrativa.

Esses monólogos dialogados se estendem na sala do Cine Glória, quando

os personagens parecem saltar das telas e se fundir ao corpo fantasioso do menino formiguense:

> Minha imaginação se vê subitamente instruída pela imagem na tela do cinema. Sem animais de criação, um vaqueiro solitário administra as crises e vagueia nômade, faminto, sedento e acalorado pelo deserto de Chihuahua, no sudoeste dos Estados Unidos da América. **Sou o ator Harry Dean Stanton, personagem de Paris, Texas, ou o diretor de filmes Wim Wenders, ou, ainda, o Espectador.** (Santiago, 2021, p. 20-21, grifo nosso).

O sujeito é, pois, vários em um só. Da performance do ator dos filmes, o menino que mais tarde viria a ser escritor de literatura aprende, mesmo com os limites da consciência infantil, o significado de *performatizar*. Performar é encenar suas personalidades, subjetividades e memórias na escrita, reinventando fatos vividos e demonstrando que a palavra literária exerce, dentre outras, a função de ampliar os horizontes da vida. Na autoficção, nada impede o sujeito de afirmar ser o personagem de *Paris, Texas*, pois essa é uma de suas "verdades poéticas".

Em consonância com Evando Nascimento (2017) e Mikhail Bakhtin (2003), Michel Collot (2004) defende o desapossamento do sujeito de sua interioridade, já que, na perspectiva collotiana, o *eu* só se encontra quando está *fora de si*, no *outro*, no mundo, na linguagem e no tempo. Nessa vertente, "estar fora de si é ter perdido o controle de seus movimentos interiores e, a partir daí, ser projetado em direção ao exterior" (Collot, 2004, p. 166). Ao se projetar para fora, o sujeito se desprende do seu *eu íntimo* e se coloca em contato com o *outro*, recriando-se por meio desse encontro.

Em *Menino sem passado*, esse jogo intersubjetivo se manifesta, dentre outras formas, no trânsito entre as pessoas do discurso. Nessa esteira, Silviano Santiago (re)cria suas identidades variando entre a primeira pessoa do singular (*eu*), a terceira do singular (*ele/você*) e a primeira do plural (*nós*). As vozes discursivas deslizam de uma à outra, sobretudo, quando o menino-narrador tematiza a morte prematura da mãe que, por sua vez, fez com que o pai viúvo se tornasse, a princípio, o único responsável pela criação dos sete filhos do primeiro casamento. Vejamos um fragmento da obra:

> Não há como o pai viúvo saber por onde anda o filho ou a filha quando se responsabiliza sozinho – durante o longo e cansativo dia de trabalho no consultório dentário – por cinco deles e duas delas. Mais tarde – depois de ter feito os quatro filhos do segundo casamento – não poderá saber por onde anda cada um dos onze. Soltos pela cidade, todos e um somos alguém e ninguém. Tendo perdido cedo o leme da mãe, a canoa coletiva e superpopulada dos moradores da rua Barão de Pium-i se reproduz em sete canoinhas, todas com banco individual e remo. À deriva nas ondas do cotidiano, navegam soltas e solitárias pelas ruas da cidade. **As duas filhas e os cinco filhos** do primeiro casamento **somos** todos *bichos do mato* – para usar a antiga expressão familiar. [...] (Santiago, 2021, p. 22, grifos nossos).

Neste recorte, a terceira pessoa ("as duas filhas e os cinco filhos") é prontamente encapsulada pelo verbo na primeira do plural ("somos"). Dessa maneira, visualizamos a

performance do narrador que parte de um movimento de afastamento de si mesmo (*eu*) e que, por conseguinte, retoma sua singularidade na forma verbal conjugada. A escolha do pronome “nós” no lugar de “eu” propõe a reinserção do sujeito na narrativa sem, contudo, marcá-lo enquanto individualidade bem definida. Isso ocorre, pois a primeira do plural, embora englobe o “eu”, não é o “eu” em sua materialidade mais explícita, já que o singular é amalgamado a outros *eus* que, nesse caso, são as duas irmãs e os quatro irmãos que, junto ao menino Silviano, constituem o “somos”.

É nessa malha de alteridades que a narrativa de *Menino sem passado* se desenvolve, reconfigurando as memórias e as subjetividades e nos mostrando, enfim, que a vida vivida é insuficiente para abarcar as incompletudes que também fazem parte daquilo que somos. Nessa insuficiência, a ficção vem para ampliar a realidade e permitir a (re)invenção de dados autobiográficos, num ritmo sonâmbulo que nos leva a caminhar pelos bosques escorregadios da autoficção e, por extensão, de nós mesmos.

3 I CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, em *Menino sem passado*, o escritor escreve, na velhice, suas memórias da infância, na tentativa de construir um passado para a criança que ele foi, percorrendo diferentes identidades e se reconhecendo como *outros*. Sendo assim, a obra se apresenta para nós como uma dobra espessa de subjetividades, semelhante à cicatriz de um corte profundo que, aos poucos, acumula camadas de pele. Essas camadas registram o passado, porém sem descartar os efeitos da cicatrização no presente. Há sempre marcas nas vivências do menino sonâmbulo que relembram, sim, os acontecimentos passados, as feridas, as dores e as perdas, mas que, tal como a cicatriz, já foram ressignificadas pelo tempo e pelo próprio *eu* que já é um *outro*, diferente e similar ao que foi em outro momento. Afinal, como diz o narrador, “para que eu seja eu, tenho de sentir o peso do outro que sou eu também” (Santiago, 2021, p. 101).

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

COLLOT, Michel. O sujeito lírico fora de si. **Revista Terceira Margem**. Tradução de Alberto Pucheu. Rio de Janeiro, v. 8, n. 11, p. 165-177, 2004.

COLONNA, Vincent. Tipologia da Autoficção. In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim (Org.). **Ensaios sobre a autoficção.** Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 39-66.

NASCIMENTO, Evando. Autoficção como dispositivo: alterficções. **Matraga**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, v. 24, n. 42, p. 611-634, 2017.

NASCIMENTO, Evando. Matérias-primas: entre autobiografia e autoficção. **Cadernos de estudos culturais,** Campo Grande, MS, v. 2, n. 4, jul./dez., p. 59-75, 2010.

SANTIAGO, Silviano. Meditação sobre o ofício de criar. **Aletria**: Revista de Estudos de Literatura Rememorações/Comemorações, Belo Horizonte, v. 18, n. 2, p. 173-179, jul./dez. 2008.

SANTIAGO, Silviano. **Menino sem passado:** (1936-1948). 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

ANÁLISE SEMIÓTICA DISCURSIVA DO CUMPRIMENTO ENTRE AS IMAGENS DE SÃO JOÃO NO ARRAIAL BANHO DE SÃO JOÃO DE CORUMBÁ-MS

Data de submissão: 08/08/2024 *Data de aceite: 01/10/2024*

Rafael Nagy Ramos
Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS.
http://lattes.cnpq.br/3122571561650963

Sueli Maria Ramos da Silva
Professora Adjunta dos Cursos de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS.
http://lattes.cnpq.br/5847506719450306

RESUMO: O Arraial Banho de São João, em Corumbá, MS, é um evento cultural que celebra a fé e a tradição da comunidade corumbaense. Entre os rituais que compõem a festividade, destaca-se o encontro e o cumprimento entre as imagens de São João, foco deste estudo. Como objetivo geral, buscamos analisar, por meio da semiótica discursiva padrão, as práticas semióticas na fotografia do evento, tomada enquanto recurso de memória. Como objetivos específicos, pretendemos: a) explorar as conexões entre os elementos visuais da fotografia e as práticas presentes durante o ritual do cumprimento entre as imagens do santo, no Arraial Banho de São João, lançando luz sobre a dinâmica dessa tradição; b) contribuir para o campo da semiótica discursiva e a área dos estudos de linguagens; c) divulgar a cultura regional de Mato Grosso do Sul, destacando o papel fundamental da festividade na identidade cultural do estado, especialmente na cidade de Corumbá-MS. A fotografia do Arraial da edição de 2022, considerada como recurso de memória, recortada como objeto desta pesquisa, retrata o momento em que andores carregando as imagens de São João se encontram e trocam cumprimentos. A metodologia proposta, que combina a análise da semântica discursiva com a semiótica plástica, permite uma interpretação aprofundada da imagem como um discurso visual. Ao articular elementos da sintaxe e da semântica com o conceito de categoria topológica, essa abordagem possibilita investigar os significados subjacentes à representação visual de fé, encontro e tradição. A ausência de pesquisas que investiguem essa tradição cultural por meio dessa abordagem teórica evidencia a necessidade de aprofundar a compreensão dos significados dessa celebração. Deste modo, ao explorar essa

temática, buscamos preencher uma lacuna em referência aos estudos dessa natureza, na perspectiva dos estudos de linguagens, contribuindo para o desenvolvimento da semiótica discursiva e oferecendo novas interpretações sobre a festividade.
PALAVRAS-CHAVE: Semiótica discursiva, Arraial Banho de São João, Cultura regional.

DISCURSIVE SEMIOTIC ANALYSIS OF THE INTERACTION AMONG IMAGES OF SÃO JOÃO IN THE ARRAIAL BANHO DE SÃO JOÃO DE CORUMBÁ-MS

ABSTRACT: The Arraial Banho de São João in Corumbá, Mato Grosso do Sul, Brazil, is a cultural event that celebrates the faith and tradition of the local community. Among the rituals that make up the festivity, the meeting and greeting between the images of São João stands out, which is the focus of this study. The general objective is to analyze, through standard discourse semiotics, the semiotic practices in the event's photography, considered as a memory resource. Specific objectives include: a) exploring the connections between the visual elements of the photograph and the practices present during the ritual of greeting between the saint's images at the Arraial Banho de São João, shedding light on the dynamics of this tradition; b) contributing to the field of discourse semiotics and the area of language studies; c) publicizing the regional culture of Mato Grosso do Sul, highlighting the fundamental role of the festivity in the state's cultural identity, especially in the city of Corumbá-MS. The photograph of the 2022 Arraial edition, considered a memory resource, and cropped as the object of this research, portrays the moment when the andores carrying the images of São João meet and exchange greetings. The proposed methodology, which combines the analysis of discursive semantics with plastic semiotics, allows for an in-depth interpretation of the image as a visual discourse. By articulating elements of syntax and semantics with the concept of topological category, this approach makes it possible to investigate the underlying meanings of the visual representation of faith, encounter, and tradition. The absence of research investigating this cultural tradition through this theoretical approach highlights the need to deepen the understanding of the meanings of this celebration. Thus, by exploring this theme, we seek to fill a gap in reference to studies of this nature, from the perspective of language studies, contributing to the development of discursive semiotics and offering new interpretations of the festivity.
KEYWORDS: Discursive semiotics, Arraial Banho de São João, Regional culture**.**

1 I INTRODUÇÃO

Na cidade de Corumbá, no estado de Mato Grosso do Sul, ocorre durante o mês de junho o Arraial Banho de São João, celebrando a fé e a alegria em uma festa singular. Durante os dias 20 a 23 de junho, a cidade se transforma em um palco vibrante, com destaque para o dia 23, com a realização da cerimônia em que os participantes banham a imagem do santo no Rio Paraguai (Salvador *et al*., 2021). No entanto, o foco principal deste estudo não é o ritual do banho, mas sim o ritual de cumprimento entre as imagens do santo, que também acontece durante o evento.

Nos propomos investigar o seguinte problema: tendo como base a prática de

cumprimento entre as imagens do santo, retratada pela fotografia do Arraial Banho de São João de Corumbá-MS, e considerando que "A semiótica tem por objeto o texto, ou melhor, procura descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz" (Barros, 2005, p. 11), quais são as estratégias que a festividade utiliza e a partir dessas estratégias como podemos fazer a depreensão dos sentidos?

Como objetivo geral, nos propomos analisar, por meio da semiótica discursiva padrão, as práticas semióticas (Fontanille, 2008) na fotografia do evento, tomada enquanto recurso de memória.

Como objetivos específicos, buscamos:

a) Explorar as conexões entre os elementos visuais da fotografia e as práticas presentes durante o ritual do cumprimento entre as imagens do santo, no Arraial Banho de São João, lançando luz sobre a dinâmica dessa tradição;

b) contribuir para o campo da semiótica discursiva e a área dos estudos de linguagens;

c) divulgar a cultura regional de Mato Grosso do Sul, destacando o papel fundamental da festividade na identidade cultural do estado, especialmente na cidade de Corumbá-MS.

Acerca do cumprimento entre os santos, Flandoli, Rosa e Dias (2015) o descrevem como um ritual que ocorre durante a descida dos andores de São João pela Ladeira Cunha e Cruz, em direção ao Rio Paraguai, para o tradicional banho do santo. Ao longo do trajeto, ao se cruzarem com outro andor, os andores se abaixam em um gesto mútuo de reverência, simbolizando a troca de cumprimentos entre as imagens sagradas.

Os rituais funcionam como expressões dos valores e das estruturas sociais de uma cultura, influenciando comportamentos de maneira não impositiva. Eles também desempenham um papel fundamental na organização da vida em comunidade e na atribuição de sentido ao tempo. Por meio dos ritos calendáricos, a sociedade estabelece marcos temporais que estruturam o cotidiano e celebram eventos cíclicos. Além disso, os ritos de passagem marcam momentos de transição, conferindo sentido às mudanças (Bell, 1997).

A análise do cumprimento entre as imagens de São João, no Arraial Banho de São João, como uma prática (Fontanille, 2008), revela um papel crucial na compreensão e interpretação das expressões culturais que permeiam esse evento. Deste modo, a semiótica discursiva, elaborada a partir das pesquisas do semioticista Algirdas Julien Greimas, fornece uma base teórica para examinar as camadas de significados presentes nas práticas desse evento festivo, como essa em específico, do ritual de cumprimento entre os santos, considerando que a obra de Greimas (1976) se destaca por estabelecer uma disciplina apta a investigar a construção do sentido em qualquer forma de expressão, seja ela verbal, não verbal ou uma combinação de ambas (Mendes, 2011).

Segundo Fiorin (1999), a semiótica discursiva é uma abordagem teórica que

analisa os processos de significação nos discursos, considerando elementos linguísticos e não linguísticos, contextos sociais, culturais e históricos. Ela investiga as relações entre elementos discursivos e como os significados são interpretados.

Mesmo havendo o potencial das fotografias como ferramentas da memória, a semiótica ainda necessita de mais estudos que investiguem seus significados e papéis na formação da memória e da identidade cultural. Drumond (2023), ao examinar as práticas devocionais em Bonito-MS, traz uma valiosa contribuição para essa linha de pesquisa.

Com relação à metodologia, utilizamos a semiótica discursiva como base teórica para analisar as práticas retratadas na fotografia do Arraial Banho de São João de Corumbá-MS. A foto do evento é de 2022 e foi obtida no site da Agência de Notícias do Governo de Mato Grosso do Sul. A análise, por sua vez, foi embasada no percurso gerativo do sentido, com foco no nível do discursivo (Barros, 2005), especificamente, a semântica discursiva, por meio dos conceitos de temas e figuras (Barros, 2004) e da figuratividade (Bertrand, 2003). Além desses mecanismos tomamos por base, ainda, a categoria topológica na análise de textos visuais (Teixeira, 2008).

Apresentamos, a seguir, um breve panorama das teorias que fundamentam nossa pesquisa.

Segundo Barros (2004), a semiótica discursiva utiliza os conceitos de temas e figuras para analisar a construção dos discursos. Abstratos, os temas representam as ideias centrais, moldadas por contextos sociais e históricos. As figuras, por sua vez, concretizam esses temas, adicionando elementos sensoriais que aproximam o texto do leitor. A combinação de ambos cria uma experiência mais rica e impactante.

O percurso gerativo do sentido se desdobra em três etapas: o nível fundamental, o nível narrativo e o nível do discurso. Neste artigo, focaremos no nível do discurso, que representa a fase final desse processo. Aqui, as estruturas discursivas são mais detalhadas, complexas e ricas em significado em comparação com os níveis narrativo e fundamental. No discursivo, as escolhas feitas pelo sujeito da enunciação, por meio da sintaxe, com a pessoa, o tempo, o espaço e as figuras, são cruciais para transformar a narrativa em discurso, sendo analisadas por meio da sintaxe e semântica do texto (Barros, 2005).

Bertrand (2003) define a figuratividade como um conceito amplo que transcende a linguagem verbal, abrangendo também as linguagens não verbais. Essa característica inerente às linguagens possibilita criação de significados que se assemelham às nossas experiências sensoriais concretas. Por meio da figuratividade, a realidade sensorial ganha representação no discurso, com a *mímesis* como uma de suas formas de expressão. O autor ressalta que o conceito vai além da mera imitação, mas tem sua base na teoria do sentido, possibilitando uma análise abrangente dos fenômenos semânticos e das manifestações culturais relacionadas aos processos de figurativização.

A metodologia de Teixeira (2008) reconhece a complexa natureza da leitura de imagens e propõe um método rigoroso para examinar os efeitos de sentido e a práxis

enunciativa no discurso visual. Teixeira sugere uma análise em duas etapas, abrangendo tanto o plano da expressão quanto o plano do conteúdo. Para auxiliar nesse processo analítico, ela introduz quatro categorias: cromáticas, eidéticas, topológicas e matéricas. Neste estudo, optamos por utilizar a categoria topológica proposta por Teixeira (2008) como ferramenta de análise da fotografia que retrata o ritual do cumprimento entre os santos, durante o Arraial Banho de São João. Essa escolha se justifica pela capacidade dessa categoria de fornecer uma análise abrangente, permitindo-nos compreender tanto a organização espacial do evento quanto a dinâmica das interações entre os participantes e suas experiências sensoriais.

As práticas semióticas, por sua vez, referem-se às atividades humanas que envolvem a produção, interpretação e circulação de significados. Tais práticas estão presentes em diversas áreas, como na linguagem, na comunicação visual, na música, entre outras formas de expressão cultural. A análise das práticas semióticas busca compreender como os signos são utilizados e interpretados em diferentes contextos, considerando aspectos como imanência, pertinência, eficiência e otimização na construção e transmissão de significados (Fontanille, 2008).

O Arraial Banho de São João, rico em cultura e tradição, desperta o interesse de estudiosos de diversas áreas, cada um com sua lente de análise e métodos específicos. Essa multiplicidade de perspectivas enriquece o conhecimento sobre a festividade, revelando suas nuances e complexidades.

De acordo com pesquisas realizadas por Salvador *et al.* (2021) e Souza, Santos e Barros (2015), o Arraial Banho de São João não é apenas um grande evento, mas também um importante motor do turismo e da economia para Corumbá e região. O estudo de Salvador *et al.* (2021) se baseou em fontes bibliográficas para analisar o potencial do Arraial. Já o trabalho de Souza, Santos e Barros (2015) utilizou uma metodologia mista, combinando dados qualitativos e quantitativos, para entender o impacto da festa na região. Santos, Jesus e Gonçalves (2021), por sua vez, analisam o potencial do Banho de São João para a produção de turismo de experiência. Trata-se de um estudo bibliográfico, de caráter exploratório.

Num estudo de caso qualitativo realizado por Melo (2019), o foco está na exploração da cultura lúdica do Arraial Banho de São João. O estudo investiga os diversos jogos e atividades praticados pelas crianças durante a festividade, procurando identificar as brincadeiras específicas que estão associadas a este evento. A metodologia empregada nesta pesquisa envolve uma abordagem qualitativa, permitindo uma compreensão abrangente do assunto em questão.

Em sua pesquisa, Souza (2004) investiga as festas populares que ocorreram em Corumbá no final do século XIX e início do século XX. A investigação aprofunda os aspectos religiosos e profanos das celebrações do Carnaval e do São João, constituindo assim um importante ponto de partida para a análise destas celebrações.

O significado cultural do Banho de São João não é reconhecido pelos estudantes de Corumbá, como revela um projeto de pesquisa recente. Nele, observou-se que as escolas carecem de materiais didáticos específicos sobre esse tema. Em resposta a essa necessidade, Voks, Cunha e Cuellar (2023) criaram uma cartilha educativa que visa suprir essa lacuna. A cartilha serve como um recurso valioso para professores e alunos, fornecendo conteúdo acessível e informativo sobre a celebração. Seu objetivo é fomentar o maior apreço por essa tradição cultural e garantir que as futuras gerações de Corumbá continuem a celebrar e valorizar o Banho de São João.

Constata-se que ainda faltam estudos que analisem a festividade Arraial Banho de São João por meio da lente da semiótica discursiva. Essa lacuna abre caminho para pesquisas que, munidas dessa ferramenta, possibilitem uma compreensão semiótica desta tradição cultural.

Na próxima seção, realizamos uma análise da seguinte prática retratada no Arraial Banho de São João: O ritual do cumprimento entre as imagens do santo.

2 | ANÁLISE DA PRÁTICA RETRATADA NO ARRAIAL BANHO DE SÃO JOÃO – O RITUAL DO CUMPRIMENTO ENTRE AS IMAGENS DO SANTO

Nesta seção, realizamos a análise da prática retratada na imagem do Arraial Banho de São João, Imagem 1, com base na semiótica discursiva. A foto foi capturada em 2022 e obtida no site da Agência de Notícias do Governo de Mato Grosso do Sul. Para essa análise, consideramos o nível discursivo, presente no percurso gerativo do sentido (Barros, 2005), por meio dos conceitos de temas e figuras (Barros, 2004), bem como os conceitos de figuratividade (Bertrand, 2003) e a categoria topológica (Teixeira, 2008).

Imagem 1. Momento em que os andores se encontram, e as imagens do santo se cumprimentam

Fonte: Sílvio de Andrade (Junho de 2022). Disponível em: https://agenciadenoticias.ms.gov.br/com-muita-alegria-e-devocao-banho-de-sao-joao-atrai-30-mil-pessoas-em-corumba/. Acesso em: 01 jul. 2024.

A Imagem 1 retrata o momento em que os andores, carregando a imagem de São João, se encontram e as imagens do santo trocam cumprimentos. Essa cena é rica em significados, revelando temas e figuras (Barros, 2004) que compõem a experiência sensorial dos participantes. No quadro abaixo (Quadro 1), cada tema está relacionado às suas respectivas figuras:

Temas	Figuras
Devoção religiosa: A devoção religiosa é evidente no encontro das imagens de São João. Os participantes expressam fé e devoção por meio desse ritual.	**Adornos e andores:** Os andores adornados enriquecem a experiência visual, materializando a devoção religiosa e a conexão com o sagrado.
União comunitária: Representa a harmonia dos participantes, que se reúnem para celebrar uma tradição comum.	**Devotos, ritual e união das pessoas ao redor dos santos:** Os devotos participando do ritual, a própria execução do ritual e a união das pessoas ao redor dos santos adicionam uma dimensão sensorial, em que a alegria compartilhada cria uma atmosfera de união comunitária.

Quadro 1. Temas e figuras – Imagem 1

Fonte: Elaboração própria (2024)

Deste modo, constata-se que a combinação desses elementos constrói uma experiência profunda e significativa para o público, unindo fé e comunidade em um só momento festivo.

Analisando a Imagem 1 a partir do nível do discurso (Barros, 2005), podemos proceder da seguinte forma:

Acerca do percurso gerativo de sentido (Barros, 2005), no nível do discurso, percebe-se que a imagem fotográfica captura a enunciação do sujeito. Este sujeito, por sua vez, representa o actante coletivo[1] participando do ritual do cumprimento entre as imagens do santo.

A imagem captura a essência do ritual de cumprimento entre os santos, durante o Arraial Banho de São João de Corumbá-MS, em que os andores, carregando a imagem de São João, se encontram e trocam cumprimentos como parte da festividade. A figuratividade presente nesse contexto, conforme Bertrand (2003), pode ser interpretada da seguinte maneira: o encontro dos andores representa a união e a comunhão da comunidade, refletindo a interação social e a celebração coletiva. Esses elementos constroem uma narrativa visual que nos transporta à experiência perceptiva de participar desse ritual, onde a comunidade se faz presente.

1 Proposto por Greimas e Landowski, o actante coletivo configura uma ferramenta analítica fundamental para a compreensão da construção discursiva de identidades coletivas. Ao se constituírem como uma entidade semântica, os actantes coletivos permitem a análise de como grupos sociais se organizam e se representam em diversos contextos discursivos. Essa noção é relevante para a investigação de fenômenos como a mobilização social, uma vez que possibilita a identificação dos mecanismos linguísticos e discursivos que operam na produção e na circulação de sentidos compartilhados (Costa, 2019).

A categoria topológica de Teixeira (2008) oferece um conjunto de ferramentas para analisar a organização espacial das formas e do movimento dos andores durante o encontro das imagens de São João. Por meio dessa lente, podemos examinar como os andores se posicionam, interagem e se relacionam neste momento de troca de cumprimentos entre as imagens do santo:

Contrastes	Englobante vs. Englobado	Os andores com as imagens do santo, sendo carregados pelos participantes do ritual, de chapéu, podem ser vistos como englobados, participando ativamente do ritual dentro do espaço da celebração.
	Alto vs. Baixo	As imagens do santo estão em uma posição 'Alta', acima dos participantes, que estão 'Baixos'. Isso cria um contraste vertical que enfatiza a importância do santo.
	Central vs. Periférico	Os andores no momento do cumprimento assumem uma posição central, enquanto outros elementos da cena, como espectadores, são periféricos ao evento principal.
	Esquerdo vs. Direito	A disposição dos andores e dos participantes de chapéu pode sugerir uma organização espacial que distingue esquerdo de direito, especialmente se considerarmos a direção do movimento durante o cumprimento.

Quadro 2. Categoria topológica – Imagem 1

Fonte: Elaboração própria (2024)

A partir desta análise, compreendemos que o ritual do cumprimento entre as imagens de São João, como demonstrado na Imagem 1, representa um momento de profunda conexão entre fé, cultura e comunidade. A fé dos participantes se manifesta no ato de fazer as imagens do santo se cumprimentarem, enquanto o evento fortalece os laços sociais, promovendo a união e a identidade da comunidade, além de criar um espaço de celebração e pertencimento. A análise revela a complexidade dos significados religiosos, culturais e sociais envolvidos nesse ritual, demonstrando a importância da tradição para a vida desta comunidade.

Na seção seguinte, resultados e discussão, retomamos os dados obtidos e aprofundamos a análise da prática "ritual do cumprimento entre as imagens do santo", retratada no Arraial Banho de São João por meio de uma fotografia.

3 I RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da Imagem 1, por meio da semiótica discursiva, nos permite compreender o "ritual do cumprimento entre as imagens do santo" como uma prática rica em significado.

Com relação aos temas e figuras, a combinação destes confere ao evento um caráter único, promovendo a união da comunidade em torno de valores compartilhados,

especialmente a fé.

No nível do discurso, constatou-se que a imagem fotográfica captura a enunciação do sujeito, neste caso, o actante coletivo que participa do ritual. A figuratividade do encontro dos andores revela a união da comunidade, enquanto a categoria topológica evidencia a organização espacial que sustenta a encenação ritualística.

Ao investigarmos as camadas de sentido presentes na imagem, podemos compreender a importância dessa prática para a comunidade de Corumbá-MS. O "ritual do cumprimento entre as imagens do santo" se configura como um elemento fundamental na construção da identidade cultural e na expressão da fé dos devotos de São João dessa comunidade.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da semiótica discursiva, este estudo buscou analisar as práticas semióticas presentes na fotografia do evento, tomada enquanto recurso de memória.

Os objetivos propostos, tanto o geral quanto os específicos, foram alcançados. Com este estudo, foi possível explorar as conexões entre os elementos visuais da fotografia e as práticas presentes durante o ritual do cumprimento entre as imagens de São João, durante o Arraial Banho de São João de Corumbá-MS, contribuir para o desenvolvimento do campo da semiótica discursiva e da área dos estudos de linguagens, além de promover a difusão da cultura regional de Mato Grosso do Sul, por meio da divulgação de saberes e práticas relacionados às tradições sul-mato-grossenses.

Ao finalizar este estudo, reconhecemos que a riqueza do tema transborda os limites deste trabalho. Pesquisas futuras podem se dedicar à análise de outras práticas presentes no Arraial Banho de São João, complementando e enriquecendo a compreensão da dinâmica e do significado do evento.

REFERÊNCIAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Publicidade e figurativização. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 48, n. 2, 2004.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

BELL, Catherine. **Ritual:** Perspectives and dimensions. New York: Oxford University Press, 1997.

BERTRAND, Denis. **Caminhos da semiótica literária**. Bauru: EDUSC, 2003.

COSTA, Marcos Rogério Martins. Sobre o conceito de ator coletivo: a construção discursiva do manifestante de rua em postagens do Facebook da Mídia Ninja. **Estudos Semióticos**, v. 15, n. 1, p. 31-47, 2019.

DRUMOND, Maria do Carmo Souza. **Um estudo semiótico das manifestações da religiosidade popular:** Sinhozinho de Bonito - MS. 2023. 129 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2023.

FIORIN, José Luiz. Sendas e veredas da semiótica narrativa e discursiva. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 15, p. 177-207, 1999.

FLANDOLI, Beatriz Xavier; ROSA, Andreia Marsaro da; DIAS, Ramona Trindade Ramos. O Banho de São João: sincretismo de religiões e culturas e sua adaptação à institucionalização. **Revista GeoPantanal**, v. 10, n. 19, p. 9-25, 2015.

FONTANILLE, Jacques. Práticas Semióticas: Imanência e pertinência, eficiência e otimização. In: DINIZ, Maria Lúcia Vissotto Paiva; PORTELA Jean Cristtus (orgs.). **Semiótica e mídia:** textos, práticas, estratégias. Bauru: UNESP/FAAC, 2008, p. 17-76.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Semântica estrutural:** pesquisa de método. 2. ed. São Paulo: Cultrix/Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

MELO, Rogério Zaim de. A cultura lúdica no banho de São João. **Athlos: Revista internacional de ciencias sociales de la actividad física, el juego y el deporte**, n. 16, p. 73-81, 2019.

MENDES, Conrado Moreira. Da linguística estrutural à semiótica discursiva: um percurso teórico-epistemológico. **Raído**, v. 5, n. 9, p. 173-193, 2011.

SALVADOR, Elizabeth *et al.* Arraial do Banho de São João em Corumbá–MS. **Anais do Simpósio Sul-Mato-Grossense de Administração**, v. 4, n. 4, p. 725-737, 2021.

SANTOS, Dilian Bonessoni dos; JESUS, Djanires Lageano Neto de; GONÇALVES, Debora Fittipaldi. A Produção do Turismo de Experiência e a Territorialidade da Manifestação Cultural do Banho de São João em Corumbá-Ms. **GEOFRONTER,** v. 7, p. 1-19, 2021.

SOUZA, João Carlos de. O caráter religioso e profano das festas populares: Corumbá, passagem do século XIX para o XX. **Revista Brasileira de História**, v. 24, p. 331-351, 2004.

SOUZA, Osmar Nascimento; SANTOS, Gilberto Rodrigues dos; BARROS, Bárbara Regina Gonçalves da Silva. Banho de São João: Reflexos na Economia de Corumbá. **Revista GeoPantanal**, v. 10, n. 19, p. 27-38, 2015.

TEIXEIRA, Lucia. Leitura de Textos Visuais: Princípios Metodológicos. In: BASTOS, Neusa Barbosa (org.). **Língua portuguesa:** lusofonia – memória e diversidade cultural. São Paulo: EDUC, 2008, p. 299-306.

VOKS, Douglas; CUNHA, Guilherme; CUELLAR, Leonardo. **Corumbá e o banho de São João**. 1. ed. Florianópolis, SC: Imaginar o Brasil Editora, 2023.

CAPÍTULO 7

REFLEXÕES PARA O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA POR MEIO DA ANÁLISE DO DISCURSO EM GÊNERO NOTÍCIA

Data de submissão: 16/08/2024 *Data de aceite: 01/10/2024*

Lana Lima Pereira
Mestranda em Letras pela Universidade Federal do Pará. Professora de Língua Portuguesa na Educação Básica

RESUMO: Este trabalho foi inspirado na vivência da disciplina Texto e Ensino do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS/UFPA). Na ocasião, apresentamos um trabalho que analisou as formações discursivas e ideológicas envolvidas nas notícias que circulam nos jornais G1, Brasil de Fato entre outros. Posteriormente dialogamos com os referenciais teóricos da AD os quais procuram explicar de que maneira ocorrem esses discursos, compreendendo as suas regularidades e a formação discursiva advinda de cada fonte jornalística. Buscou-se como reflexão final pensar em uma estratégia didática que proporcione aos alunos refletir sobre impacto do desequilíbrio ambiental na Amazônia ao identificar os discursos correntes nesses importantes veículos de comunicação. Podemos tomar como considerações finais quando, ao examinar as formações discursivas que estão vinculadas a determinado meio de comunicação, como as que foram analisadas no Jornal G1 e no Brasil de Fato, podemos compreender que cada veículo de comunicação possui uma visão ideológica que é usada para perpetuar estereótipos, preconceitos e valores que servem a determinados interesses econômicos, políticos e sociais. Assim como, os alunos, quando incentivados a refletir sobre sua própria linguagem, a reconhecer o impacto das palavras nas relações sociais e a construir sua identidade e sua própria realidade social, podem ser capazes de entender e interpretar o uso da linguagem em diferentes contextos, sobretudo nos jornalísticos-midiáticos, eles estarão sendo preparados para se tornarem cidadãos informados, capazes de se engajarem de forma significativa no mundo ao seu redor.
PALAVRAS-CHAVE: Ensino-aprendizagem; Gêneros do Discurso; Análise do Discurso; Notícia.

ABSTRACT: This work was inspired by the experience of the Text and Teaching discipline of the Professional Master's Degree in Literature (PROFLETRAS/UFPA). At the time, we presented a work that analyzed the discursive and ideological formations involved in the news that

circulates in the newspapers G1, Brasil de Fato, among others. Later, we discussed the theoretical references of AD, which seek to explain how these discourses occur, understanding their regularities and the discursive formation arising from each journalistic source. As a final reflection, we sought to think of a didactic strategy that allows students to reflect on the impact of environmental imbalance in the Amazon by identifying the discourses current in these important communication vehicles. We can take as final considerations when, when examining the discursive formations that are linked to a certain means of communication, such as those analyzed in Jornal G1 and Brasil de Fato, we can understand that each communication vehicle has an ideological vision that is used to perpetuate stereotypes, prejudices and values that serve certain economic, political and social interests. Likewise, students, when encouraged to reflect on their own language, to recognize the impact of words on social relations and to construct their identity and their own social reality, may be able to understand and interpret the use of language in different contexts, especially in journalistic-media contexts, they will be prepared to become informed citizens, capable of engaging meaningfully in the world around them.
KEYWORDS: Teaching-learning; Discourse Genres; Discourse Analysis; News.

1 I INTRODUÇÃO

No ensino de língua materna, é importante diversificar os conteúdos da língua objetivando contemplar não apenas a gramática e a estrutura linguística, mas também os diversificados gêneros textuais e discursivos visando o desenvolvimento de competências críticas e comunicativas nos alunos. Uma possibilidade de fazê-lo é por meio da Análise do Discurso - AD, utilizando gêneros textuais estratégicos para este objetivo, como as notícias de jornal. Neste trabalho, exploraremos como a AD baseada no gênero notícias de jornal pode enriquecer o ensino de língua materna, promovendo o pensamento crítico, a ampliação da compreensão dos objetivos midiáticos e o desenvolvimento da habilidade comunicativa dos alunos.

A análise do discurso é uma abordagem que permite aos alunos compreender como a linguagem é usada para construir significados e representações sociais. No contexto do ensino de língua materna, essa abordagem ajuda os alunos a interpretarem textos de maneira crítica e a se expressarem de forma eficaz. Ao analisar gêneros textuais discursivos, como as notícias de jornal, os alunos podem desenvolver uma compreensão mais profunda da linguagem em uso, além de se tornarem mais conscientes dos discursos dominantes na sociedade.

Pensando na importância que essa abordagem projeta para a sala de aula, suas possibilidades, e aproveitando a temática da COP30, este trabalho optou por refletir sobre a categoria da formação discursiva em notícias no Jornal G1 e no Jornal Brasil de Fato, para pensar as práticas de ensino-aprendizagem em língua materna. Tendo como finalidade última deste trabalho, a consciência sobre como os discursos que perpassam os veículos de comunicação elencados evidenciam o impacto do desequilíbrio ambiental na Amazônia.

Para tanto questionou-se: quais as formações discursivas dos discursos sobre a COP30 estão sendo veiculadas nos jornais G1 e Brasil de Fato e como esse conceito pode ser trabalhado em sala de aula?

Este trabalho vincula-se à abordagem francesa da AD buscando compreender as formações discursivas e ideológicas conceituadas por Michel Foucault (2003) e impulsionadas por Fernandes (2008), bem como analisa os interdiscursos e comunidade discursiva os quais representam uma determinada comunidade discursiva presentes em notícias a partir das elaborações de Maingueneau (1997) e como postulados que relacionam as práticas discursivas ao ensino de língua materna, filiamo-nos a Bagno (2002), Bortoni-Ricardo (2004) e na Base Nacional Comum Curricular- BNCC (Brasil, 2018). Além de analisar criticamente os discursos que circulam em notícias de jornais ao quais orientam uma determinada formação discursiva a ser desvelada pelos educandos, visando a uma consciência crítica e linguística, além de preparar os educandos para uma prática social autônoma e emancipadora.

2 | METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico-documental, conforme Gil (2008, p. 42) este tipo de perfil de pesquisa tem "[...] como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Uma vez que ele aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas".

Este trabalho foi inspirado na vivência da disciplina Texto e Ensino do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS/UFPA). Na ocasião, apresentamos um trabalho que analisou as formações discursivas e ideológicas envolvidas nas notícias que circulam nos jornais G1, Brasil de Fato entre outros. Posteriormente dialogamos com os referenciais teóricos da AD os quais procuram explicar de que maneira ocorrem esses discursos, compreendendo as suas regularidades e a formação discursiva advinda de cada fonte jornalística. Buscou-se como reflexão final pensar em uma estratégia didática que proporcione aos alunos refletir sobre impacto do desequilíbrio ambiental na Amazônia ao identificar os discursos correntes nesses importantes veículos de comunicação.

Os passos realizados foram os seguintes: 1) Selecionamos os conceitos de formação discursiva e formação ideológica a serem investigados; 2) Optamos pela temática da COP30 nos referidos jornais; 3) Mapeamos manchetes dos sites do jornais G1 e Brasil de Fato para identificar as regularidades nos discursos e interdiscursos apresentados; 4) Identificamos nesses jornais as principais formações discursivas presentes a respeito da COP30; 5) Realizamos os recortes que qualificam aquilo que de mais recorrente apareceram tanto em um jornal como no outro para fazer a análise; 6) Analisamos os conceitos da AD selecionados em diálogo com os referenciais teóricos adotados e refletimos sobre o seu

potencial para esta abordagem em sala de aula.

3 I RESULTADOS/DISCUSSÕES

Selecionamos apenas dois recortes, dentre 22 notícias do G1 e cinco notícias do Brasil de fato analisadas, que representam as regularidades tanto do G1 quanto do Brasil de Fato sobre a COP30 em Belém-PA e a partir deles tecemos comentários sobre a análise do discurso nos referidos jornais e as reflexões desta análise para o ensino de língua materna.

Figura 1 – Manchete sobre a COP30 no Jornal G1.

Fonte: Site do Jornal G1, 2023.

Figura 2 – Manchete do Jornal Brasil de Fato sobre a COP30.

Fonte: Site do Jornal Brasil de Fato, 2023.

Na identificação das formações discursivas encontradas, verificamos que uma das regularidades discursivas que aparecem nos recortes do Jornal G1, é o reforço da importância e das benesses que Belém ganhará com a COP30 que acontecendo na cidade. Outra regularidade é a presença constante da voz do Governo do Pará nas ações que estão ocorrendo para receber o evento. Nela vemos uma regularidade marcante: o legado que o evento trará para Belém, podendo até ser percebido como se fosse ação da própria política deste governo. Podemos perceber, assim, que o G1 apresenta uma formação ideológica que é formada pela defesa de um posicionamento de governo, das

políticas praticadas por ele, dando importância, defendendo e representando os sujeitos que constroem esse governo, uma vez que "Os sujeitos são marcados por inscrições ideológicas e são atravessados por discursos de outros sujeitos, com os quais se unem, e dos quais se diferenciam." (Fernandes, 2008, p.54).

Já ao verificarmos as regularidades do jornal Brasil de Fato sobre a temática, percebemos que a regularidade evidenciava mais a importância da participação ativa dos povos da floresta e da sociedade civil organizada para pensar a crise climática na COP30. Apareceu, inclusive, a sinalização de uma possível "Cúpula dos Povos da COP30". Mostrou, ainda, a preocupação com o desenvolvimento de uma Nova Lógica para o Instrumento Global de Conservação de Florestas. Explicitadas nos enunciados "proposta de baixo para cima, ou seja, a partir dos países detentores de florestas ". A posição regular, por fim, nesse jornal é a do discurso que visa à participação popular na COP30, a efetiva participação dos povos indígenas na COP30 na Amazônia brasileira.

Para compreendermos melhor essa dimensão de leitura que define uma abordagem discursiva para o ensino, ao identificar os jornais supracitados como instituições, que possuem uma história, e com ela, uma formação discursiva definida, concordamos com Possenti (2009, p.13) quando afirma que "[...] O discurso é tanto mais legível quanto mais estiver ligado a uma instituição (e tanto mais antiga for a instituição à qual o discurso se liga). Ou seja, a leitura não é a leitura de um texto enquanto texto (estrutura), mas enquanto discurso, isto é, na medida em que é remetido a suas condições, principalmente institucionais, de produção ". Por isso, é importante mostrar aos alunos as diferenças entre texto e discurso as quais podem contribuir com uma consciência linguística destes, além de uma formação cidadã que lhes garantam maior autonomia de escolha em suas práticas sociais.

Tais gestos interpretativos tornam-se, por fim, ferramentas didáticas potenciais, porque se coadunam com os objetivos de uma educação linguística, que segundo Bagno (2002), deve trabalhar habilidades de leitura e escrita, mas também de reconhecimento de uma realidade múltipla, variável e heterogênea de língua, a fim de desenvolver uma competência comunicativa (Bortoni-Ricardo, 2004).

Ainda nesse caminho de pensamento, o da construção da formação discursiva, por meio do que afirma Maingueneau (1997) a respeito do que seja uma comunidade discursiva, identificamos no interior de cada jornal a presença da filiação a uma determinada comunidade, ou seja, uma organização que produz textos a partir de uma determinada formação discursiva e ideológica: das práticas e ações vinculadas às políticas do atual governo do Estado do Pará, no caso do G1, e de ações que se vinculam a grupos marginalizados e excluídos da sociedade civilizada, e às vozes dos povos originários e quilombolas.

4 I CONSIDERAÇÕES

A análise do discurso no ensino de língua materna apresenta extrema relevância como gesto de leitura que proporciona o desvelamento de camadas interpretativas, o que pode ajudar os alunos a desenvolverem uma maior conscientização das questões sociais e culturais que permeiam a linguagem. Este trabalho é visível quando, ao examinar as formações discursivas que estão vinculadas a determinado meio de comunicação, como as que foram analisadas no Jornal G1 e no Brasil de Fato, podemos compreender que cada veículo de comunicação possui uma visão ideológica que é usada para perpetuar estereótipos, preconceitos e valores que servem a determinados interesses econômicos, políticos e sociais. Com isso, os alunos são incentivados a refletir sobre sua própria linguagem, a reconhecer o impacto das palavras nas relações sociais e a construir sua identidade e sua própria realidade social.

Este estudo não teve a pretensão de esgotar o assunto, apenas de realizar uma investigação que pudesse mostrar o desenvolvimento de uma análise do discurso para o gênero discursivo elegido, bem como refletir sobre esta abordagem para o ensino de língua materna reconhecendo a necessidade de uma reeducação linguística e de um ensino que diversifique as possibilidades do trabalho, e ainda, ressignifique a prática docente escolar, proporcionando ao aluno uma formação que desenvolva o aspecto da cidadania de maneira mais plena. Em suma, a análise do discurso no ensino de língua materna é uma abordagem essencial para o desenvolvimento de competências críticas e comunicativas nos alunos. Ao capacitá-los a entender e interpretar o uso da linguagem em diferentes contextos, sobretudo nos jornalísticos-midiáticos, eles estarão sendo preparados para se tornarem cidadãos informados, capazes de se engajarem de forma significativa no mundo ao seu redor.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

BAGNO, M. A inevitável travessia: da prescrição gramatical à educação linguística. In: BAGNO, M., STUBBS, M., GAGNÉ, G. **Língua materna:** letramento, variação e ensino. São Paulo: Parábola, 2002, p.13-82.

BORTONI-RICARDO, S.M. **Educação em língua materna:** a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

FERNANDES, Claudemar Alves. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso.** Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2003. [1971]

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso.** Campinas, SP: Pontes/ Unicamp, 1997.

POSSENTI, Sírio. **Questões para analistas do discurso.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

A SOCIOLINGUÍSTICA COMO APOIO AO MULTILETRAMENTO NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA À LUZ DA BNCC

Data de submissão: 08/08/2024 *Data de aceite: 01/10/2024*

Maria Isabela Vieira Nunes da Silva

Élida Jacomini Nunes
Profa. Dra.

Apoio:PIVIC Mackenzie

RESUMO: Além de garantir a habilidade de leitura e escrita como um direito de todo indivíduo, as competências da disciplina de língua portuguesa da Base Nacional Comum Curricular (2018) determinam levar o aluno a compreender, valorizar e respeitar a linguagem como construção humana, histórica, social e cultural. A presente pesquisa tem como objetivo investigar como os conhecimentos sociolinguísticos podem ser um suporte para a ação docente, frente a prática pedagógica de trabalhar o multiletramento. A fim de compreender desde a formação docente até a prática em sala de aula, um questionário foi respondido por quatro professoras. Observou-se que é preciso uma valorização da sociolinguística maior desde a prática de formação docente até a realidade, com o intuito de os docentes gozarem das práticas do multiletramento para a sociolinguística e levar a realidade heterogênea linguística social para as escolas.

PALAVRAS-CHAVE: BNCC. Sociolinguística. Multiletramento.

ABSTRACT: Besides ensuring reading and writing skill as a right to every individual, the Portuguese learning competences according to the Common National Curriculum Base (2018) determines should lead the student to understand, value and respect language as a cultural, social, historical, and human construct. The current research aims to investigate how sociolinguistic knowledge can be a support for teaching action, in relation to the pedagogical practice of working on multiliteracy. In order to understand starting at the exercise of the teacher's formation, along with the practice in the classroom, a questionnaire was answered by four teachers. It was observed the needed for a greater appreciation of sociolinguistics from the teacher's formation to reality, so teachers enjoy of practices of multiliteracy practices for sociolinguistics and take this heterogeneous reality of social linguistic to the schools.

KEYWORDS: BNCC. Sociolinguistics. Multiliteracy.

1 I INTRODUÇÃO

O domínio da habilidade oral e escrita da língua materna é um direito de todo e qualquer indivíduo, visando a garantia de socialização. A escola é uma instituição que garante este direito e tem como objetivo promover tais habilidades, concebendo, entre outros, os saberes linguísticos, que permeiam processo de aprendizagem de disciplinas, todavia tendo o foco principal no ensino de língua portuguesa.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento norteador curricular da aprendizagem vigente desde 2018 na educação. Comparando-o a outros conjuntos normativos, mas considerando-os em seu desenvolvimento e criação e levando em conta pesquisas e estudos educacionais, a BNCC (2018) expõe as aprendizagens primordiais que devem estar presentes no ensino de todas as disciplinas da educação básica, baseando-se em competências e habilidades que os estudantes devem alcançar no seu processo de aprendizagem.

Para a área de linguagens da BNCC (2018), visando as seis competências destacadas, uma escola, principalmente por meio da ação docente, deve levar o aluno a compreender a linguagem como construção humana, histórica, social e cultural. Com isso, é preciso guiar o aluno a conhecer diferentes linguagens (verbal, corporal, visual, sonora e digital) como base em uma comunicação, troca de ideias e informações, além de utilizá-las para defender pontos de vista, mostrando respeito e garantia dos direitos humanos.

Por ser um dos componentes das áreas de linguagens e considerando outras diretrizes e parâmetros já existentes para a educação, a BNCC (2018) determina que sejam proporcionados aos estudantes a ampliação e garantia do letramento, definido como "[ ] o desenvolvimento de comportamento e habilidades de uso competente de leitura e da escrita em práticas sociais [ ]" (SOARES, 2021, p. 64), ou seja, nos contextos sociais e por meio das múltiplas linguagens. No entanto, a contemporaneidade ocupa-se de novos letramentos e "a BNCC procura contemplar a cultura digital, diferentes linguagens e diferentes letramentos, desde aqueles basicamente lineares, com baixo nível de hipertextualidade, até aqueles que envolvem a hipermídia" (BNCC, 2018, p. 70). A base da hipertextualidade e da hipermídia estão embasadas no multiletramento, definido como "a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica" (ROJO; MOURA, 2012, p. 13).

Então, um dos principais argumentos da BNCC frente à proposta pedagógica linguística cultural aponta que

> [...] é relevante no espaço escolar conhecer e valorizar as realidades nacionais e internacionais da diversidade linguística e analisar diferentes situações e atitudes humanas implicadas nos usos linguísticos, como o preconceito linguístico (BRASIL, 2018, p. 70).

A fim de teorizar as diversidades linguísticas, a sociolinguística considera a língua,

o indivíduo, sua cultura e a sociedade em que vive, bem como todos os elementos que interagem no processo de comunicação. Esta ciência utiliza-se das variações linguísticas como teorização, do qual consideram a língua dentro de um determinado contexto, podendo ser analisada cientificamente diante das relações que ali se desdobram (MOLLICA; BRAGA, 2015).

Com isso, as considerações sociolinguísticas têm como objetivo colaborar para a quebra de barreiras contra o preconceito linguístico, que ainda é muito presente nas relações sociais ao ponderar as variedades do português. A fim de romper tais barreiras, é fundamental que as abordagens sociolinguísticas estejam presentes na metodologia do ensino de língua portuguesa nas salas de aula, com a finalidade de abandonarem a ideia de um único português falado no Brasil (BAGNO, 2007).

A partir dessas reflexões, o intuito deste estudo é responder a seguinte questão: como os conhecimentos da sociolinguística podem ser um suporte para a ação docente, frente a prática pedagógica de trabalhar o multiletramento, tendo em vista a BNCC?

Considerando os conhecimentos oriundos da sociolinguística na didática do ensino de língua portuguesa frente ao multiletramento, o objetivo dessa pesquisa é mostrar que a sociolinguística é uma área do conhecimento muito importante para a atuação do pedagogo frente ao multiletramento, com suas facetas em sala de aula, possibilitando melhor reconhecimento da diversidade expressiva dentre os alunos para melhor abordar o letramento, respeitando as individualidades e propiciando melhor convívio social, livre do preconceito linguístico. Assim, pretende-se explorar o quanto a sociolinguística pode beneficiar-se do multiletramento no âmbito pedagógico; investigar o quanto os professores usufruem da cultura midiática para expor a língua em suas diversas variações em sala de aula e, por fim, buscar compreender como os estudos sociolinguísticos estiveram presentes na formação pedagógica dos docentes.

2 | REFERENCIAL TEÓRICO

Língua portuguesa e o ensino segundo a BNCC

A língua portuguesa falada no Brasil é consequência da colonização portuguesa no território. Gomes (2015, p. 78) aponta que “Temos a língua portuguesa como uma entidade social que todos nós, brasileiros, adquirimos como falantes nativos e que a nós pertence, assim como nos pertence a identidade de sermos brasileiros.” Ponderando as variadas populações e culturas, Rodrigues (2016, p. 187) explica que “Embora a maioria dos brasileiros tenha a impressão de viver num país monolíngue, o Brasil é na verdade multilíngue: nele são aprendidas como línguas maternas cerca de 200 línguas”.

Ao refletir sobre o ensino de língua portuguesa, este é tanto pensado quanto, muitas vezes, aplicado baseado em regras, segundo a gramática normativa, podendo tornar tal

aplicação ao aluno complexo. Para tal compreensão, é preciso analisar o percurso da língua segundo os documentos legislativos do país.

Antes de qualquer documento nacional de educação, a Constituição Federal de 88 declara o ensino um direito de todo e qualquer cidadão. O §2. do Art. 210, voltado à seção de Educação, assegura-se que "O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem". No entanto, é ressaltado que para os indígenas esse ato não deve ser diferente, embora devam ser respeitadas as línguas particulares de cada povo.

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996, é destacada a questão dos currículos desenvolvidos pelas escolas de toda a educação básica. No §1º do Art. 260 "Os currículos a que se refere o *caput* devem abranger, obrigatoriamente, o estudo da língua portuguesa e da matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente do Brasil". As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) organiza o ensino de língua portuguesa na área de linguagens, da qual também contempla Língua materna, para populações indígenas, Língua estrangeira moderna, Arte e Educação Física.

Similar ao Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), a BNCC (2018) é desenvolvida com o intuito de nortear a elaboração e aplicação dos currículos nas escolas. Também parte da área de Linguagens, o componente curricular de Língua Portuguesa na BNCC (2018) foca em uma perspectiva enunciativo-discursiva da linguagem, proporcionando ao estudante a ampliação do letramento, colocando-o em situações que o faça participar de forma significativa e crítica em situações sociais, tendo em vista as diversas manifestações de linguagem, a fim de que possa gozar e respeitá-las (BRASIL, 2018, p. 67-68).

A aprendizagem da alfabetização e do letramento

Para abranger o conceito de letramento, é importante compreender a sua origem na alfabetização. É comum a associação do termo *alfabetização* com o ensino de língua portuguesa, uma vez que a ideia de escrita e aprendizado das palavras está atrelado à raiz da disciplina, isto é, a língua materna. Como mencionado, desde a década de 80, o termo *alfabetização* é acompanhando de *letramento*, no entanto, é preciso saber distingui-los.

Segundo a LDB (1996), inicia-se o ensino de língua portuguesa na pré-escola, isto é, idade dos dois aos cinco anos. Jean Piaget (1896-1980), biólogo e psicólogo, estudou a evolução cognitiva do ser humano e seus estudos contribuem para o campo da educação. Em suma, de acordo com Palangana (2015), Piaget classifica o desenvolvimento cognitivo em estágios: o sensório-motor (do 0 aos 2 anos), o pré-operacional (dos 2 aos 7 anos), o operatório concreto (dos 7 aos 12 anos) e o operatório formal (dos 12 em diante). Na pré-escola, considera-se o estágio pré-operacional, caracterizado pelo "desenvolvimento da

capacidade simbólica em suas diferentes formas: a linguagem, o jogo simbólico, a imitação postergada etc." (PALANGANA, 2015, p. 29). A criança passa a compreender-se como um ser próprio no mundo, e assim, as descobertas e explorações ganham mais sentido por meio do simbólico e dos estímulos. Ela não precisa mais do objeto concreto em sua mão para compreendê-lo como tal, pois já passa a entender a representação do simbólico. É a partir dessa maturação cerebral consideráveis da criança que é apropriado o início da alfabetização.

A principal função da alfabetização para um indivíduo é o aprendizado da leitura, escrita e habilidades de comunicação da língua materna. Assim, é o "processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita" (SOARES, 2021, p. 16). Isto é, a escrita é a representação de fonemas (sons) em grafemas (escrita), e vice-versa para a leitura, a transformação de grafemas em fonemas.

No entanto, de nada adiantaria o ser humano ler e escrever sem, de fato, compreender. As palavras, sejam elas lidas ou escritas, precisam ter um sentido para haver compreensão. Assim, Soares (2021) dá um segundo significado para a alfabetização como um processo de compreensão e expressão de significados. As palavras não são vazias, elas carregam um sentido para poder fazer sentido na comunicação, seja ela verbal ou escrita.

Entretanto, visto que o indivíduo adquiri a aquisição e a compreensão da leitura e da escrita, segundo Zen (2018), em meado dos anos 80 surge discussões sobre um "analfabetismo funcional", do qual foi constatado que pessoas consideradas "alfabetizadas" possuíam pouco domínio de competências leitoras e escritas, ou seja, mesmo a habilidade de compreensão era considerada defasada tendo em vista as necessidades do mundo em que viviam, ponderando fatores sociais e do trabalho. Eram pessoas que não dominavam as funções da escrita alfabética, bem como aquelas com baixa escolarização. Este foi um fato que ocorreu no âmbito da educação e das ciências linguísticas não apenas no Brasil, mas em países como França (*illesttrisme*) e em Portugal (literacia). Soares (2021) ainda destaca que, embora já fosse um termo que existisse nos Estados Unidos e na Inglaterra (*literacy*), foi também nessa época que as discussões se tornaram mais precisas nesses países.

A partir desse contexto, "ocorre o surgimento do termo letramento como uma forma de reconhecer as práticas discursivas mais amplas e diferenciá-las da apropriação do sistema de escrita" (ZEN, 2018, p. 214). Enquanto a alfabetização é o cerne da língua, o letramento apropria-se desse sistema e utiliza-o em contextos sociais, atentando-se para suas diferentes funções e possibilidades. Vai além de simplesmente colocar a língua em prática, é saber manejá-la de acordo com as necessidades dos contextos de fala ou utilização.

> [...] é necessário reconhecer que a *alfabetização* – entendida como a aquisição do sistema convencional de escrita – distingue-se do letramento –

> entendido como desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente de leitura e da escrita em práticas sociais: distinguem-se tanto em relação aos objetivos de conhecimento quanto em relação aos processos cognitivos e linguísticos de aprendizagem e, portanto, também de ensino de diferentes objetos (SOARES, 2015, p. 64).

Embora sejam termos distintos, a alfabetização e o letramento são intrínsecos, isto é, para que o letramento aconteça é preciso que o processo de alfabetização tenha ocorrido, e mutuamente esta deve ser aplicada em contextos e práticas sociais de leitura e escrita.

Ainda que o processo de alfabetização e letramento da língua portuguesa sigam as normas curriculares nacionais, é importante refletir na heterogeneidade social brasileira, tendo em vista a questão linguística, escolarização, descendências, fatores econômicos, e a língua portuguesa que pode passar por alterações de acordo com o contexto.

A sociolinguística e seu percurso

Para a linguística, a relação entre língua e indivíduo são fatores fundamentais. Ferdinand Saussure, considerado o pai da linguística, no início do século XX, teve o livro "Curso de linguística geral" desenvolvido por seus alunos Bally e Sechehay em 1916 a partir e suas teorias linguísticas. Saussure compreendia a linguagem como algo individual e social, além de considerar estável, sincrônica e homogênea. A fim de organizar os estudos linguísticos, o teórico expõe as dicotomias "língua vs. fala, sincronia vs. diacronia, significado vs. significante e sintagma vs. paradigma" (SALGADO, 2009, p. 94). Saussure classifica como língua aquilo que é social e fala o que é individual.

> A língua, homogênea por natureza, é uma instituição social que pertence a todos os falantes de determinada comunidade linguística. A fala, de natureza heterogênea, é individual e imprevisível. Enquanto a língua é dotada de ordem e sistematização, a fala é irredutível a uma pauta sistemática, pois os atos linguísticos não formam um sistema (GOMES, 2015, p. 77).

Dessa forma, com base nas propostas saussurianas

> [...] é proposto que a língua seja estudada sincronicamente, fazendo um recorte do momento histórico e desconsiderando a ação do tempo para, só então, analisar sua estrutura. Para ele, esse estudo estruturalista não poderia ser feito no molde histórico-comparado, um estudo diacrônico até então realizado (SALGADO, 2009, p. 94).

Em contrapartida com Ferdinand Saussure, Bakhtin também compreende a língua como comunicação social, todavia questiona o autor de retirá-la o caráter ideológico, além de criticá-lo por considerá-la um sistema de regra (MACEDO, p. 3, 2009). Bakhtin considera que a língua evolui conforme um fenômeno histórico, negando um sistema abstrato de formas e as características individuais de um indivíduo. Ademais, em uma visão interacionista e estudando as relações de linguagem entre os indivíduos, Bakhtin considera

as relações de linguagem dialógicas. “As relações dialógicas de que ele se ocupou não são um diálogo face a face, mas as relações entre posições sociais.” (FIORIN, 2016, p. 18). Isto é, todas as comunicações são dialógicas, independente das circunstâncias, levando em conta também os enunciados.

> Neles [os enunciados], existe uma dialogização interna da palavra, que é perpassada sempre pela palavra do outro, é sempre e inevitavelmente também a palavra do outro. Isso quer dizer que o enunciador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu. Por isso, todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio. O dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados (FIORIN, 2015, p. 21-22).

Por sua vez, influenciado por Saussure, o linguista russo Roman Jakobson (1896-1982), desenvolveu seus estudos com enfoque nos aspectos funcionais da linguagem, com o intuito de compreender sua finalidade no meio, tendo em vista o falante e o ouvinte (BORIN, 2010). Ele, então, apresenta os fatores que permeiam a comunicação: remetente, mensagem, destinatário, contexto, código e contato. A partir desses fatores, Jakobson define as funções da linguagem em emotiva, conativa e referencial: emotiva ao expressar emoção, sentimentos, evidenciando, pelo próprio remetente, a real expressão daquilo que realmente está dizendo (WINCH; NASCIMENTO, 2012, p. 222); conativa quando tem o foco no destinatário, uma vez que “encontra sua expressão gramatical mais pura no vocativo e no imperativo” (JAKOBON, 2010, p. 159); e referencial quando o remetente tem como objetivo explicar e contextualizar a mensagem ao destinatário.

Vale ressaltar que o linguista russo teve muita influência no ensino de Língua Portuguesa, tendo em vista os fatores e funções comunicativas, e passou a ser parte da organização de aspectos de ensino da disciplina, certamente em materiais didáticos.

Ao trilhar as principais abordagens de estudiosos linguistas a respeito da linguagem, foi importante perceber entre eles que há sempre uma relação da língua com o indivíduo por diferentes visões e abordagens e todas elas influenciam na teoria da sociolinguística.

Labov, em sua dissertação de mestrado realizada em 1963 nos Estados Unidos, estuda o inglês falado na ilha de Martha’s Vineyard, baseando-se nas vertentes da sociolinguística, que são as variações. No local de estudo havia influência de cidadãos de origem de países europeus e habitantes nacionais americanos. Foi a partir daí que a teorização da sociolinguística foi ganhando reconhecimento nos estudos da língua. Dessa forma, para Labov “a língua não é prioridade do indivíduo, mas sim da comunidade” (ETTO; CARLOS, 2017, p. 18).

A sociolinguística não fica nem para trás e nem para frente em relação às demais concepções da linguagem, mas, de certa forma, ela abraça à todas, e vai além em seus estudos.

> O objetivo central da Sociolinguística, como disciplina científica, é precisamente relacionar a *heterogeneidade linguística* com a *heterogeneidade social*.

> Língua e sociedade estão indissoluvelmente entrelaçadas, entremeadas, uma influenciando a outra, uma constituindo a outra. Para a sociolinguística, é impossível estudar a língua sem estudar, ao mesmo tempo, a sociedade em que essa língua é falada, assim como também ouros estudiosos – sociólogos, antropólogos, psicólogos sociais etc.- já se convenceram que não dá para estudar a sociedade sem levar em conta as relações que os indivíduos e os grupos estabelecem entre si por meio da linguagem (BAGNO, 2007, p. 38).

Sendo assim, essa heterogeneidade linguística e social é definida como variação linguística. Todavia, embora contemple-se essa heterogeneidade e julga-se o quanto ela seja importante ser reconhecida no meio de comunicação, não se pode deixar de lado o fato de existir uma realidade linguística imposta baseada na norma-padrão, que, segundo Bagno (2007), é um efeito da língua que é vista como correta, um protótipo com o intuito de absorver os efeitos da variação. Então, ela existe no meio social, ela é parte de um comportamento linguístico que não deve ser desvalorizada, uma vez que passa a ser estudo linguístico.

Mas é preciso analisar o conceito de variação linguística que, segundo Bagno (2007), é a "espinha dorsal" da sociolinguística. É fato que ao pensar em um país, ou mesmo um estado, a variação está presente em todos os aspectos da língua: fonéticos, morfológicos, sintáticos, semânticos, lexicais, pragmáticos. No entanto, para realizar uma investigação, uma vez que se apoia na língua e no indivíduo, a sociolinguística necessita de outros fatores socais para identificar a variação linguística, e se converte em uma terminologia específica para a sua compreensão, considerando sempre a comparação:

- variação diatópica: considera os modos de fala de diferentes lugares geográficos;
- variação diastrática: considera os modos de fala de diferentes classes sociais;
- variação diamésica: considera as diferenças da língua falada e a língua escrita;
- variação diacrônica: considera o tempo histórico refletido na mudança da língua;
- variação diafásica: considera o contexto do ato de fala do indivíduo.

Sendo assim, independente do contexto, sempre haverá comunicação entre os indivíduos, devido a essa funcionalidade da língua. E por desconhecimento desse discurso científico, dependendo do contexto do ato de comunicação pode haver estranheza de alguma parte e surge os pré-julgamentos a partir da fala, definidos até como erros. A partir dessa ciência, não se pode falar em erro linguístico, pois "se a língua é entendida como um sistema de sons e significados que se organizam sintaticamente para permitir a interação humana, toda e qualquer manifestação linguística cumpre essa função plenamente" (BAGNO, p. 61, 2007). Ou seja, o erro está ligado a aspectos sociais e culturais, isto é, ideias resultantes de visões de mundo, que não é de interesse da linguística e uso como base todos os seus fatores para estudar a língua.

Diante da atual proposta de investigação, é necessário pensar na sociolinguística principalmente na pedagogia das variações linguísticas, e refletir isso dentro da sala de aula, uma vez que, com o intuito de quebrar barreiras do preconceito linguístico que nascem no senso comum, com o apontamento do erro do outro, é preciso tratar de assuntos que levam a esse caminho desde cedo na vida dos indivíduos.

> A Língua Portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum se considerarem as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas (BRASIL, 1998, p. 26).

Este conhecimento declarado carrega um pedido à educação que ensinar que a língua vai muito além da gramática e explorar tudo que é da língua, evidenciando aos alunos as suas diferenças, entendido como variedades na visão sociolinguística.

Então, é necessário levar as diferenças estarem presentes em sala de aula, tendo em vista que isso faz parte do meio social. A escola deve trabalhar em sincronia com a sociedade, trazendo situações reais para que possam levar os alunos a refletirem, possuírem conhecimentos e consciência de situações que eles possam viver ao sair do ambiente escolar (THOMAZ; OLIVEIRA, 2009).

Dessa forma, diante desse cenário heterogêneo linguístico social, Horta (2016, p. 615) assume que "é preciso levar os professores, desde as séries iniciais, a não mais crer que o erro de português existe, substituindo essa visão pela investigação dos fenômenos de variação e mudança linguísticas de forma mais crítica e embasada cientificamente".

As variações linguísticas podem ser consideradas a base para teorizar a diversidade linguística do meio social. No entanto, não é preciso partir de ideia de levar essa terminologia para o meio social, tampouco apresentar a teoria sociolinguística teorizada, mas fazê-la presente a partir da diversidade. É possível trabalhar com a interdisciplinaridade, mediando os alunos a lugares em áreas urbanas e rurais, o processo histórico de mudanças, contextos sociais, e evidenciar que, em tudo, a língua se faz presente.

Portanto, é preciso que isso faça parte da atribuição curricular da escola (BAGNO, 2007, p. 31), tendo em mente as metodologias pedagógicas necessárias para tal. Atualmente, ainda mais quando se reflete sobre os avanços tecnológicos, o professor pode ter como apoio diversas ferramentas para evidenciar a diversidade linguística nos diversos contextos, isto é, podendo ter como suporte os fundamentos do multiletramento.

Multiletramento

A partir dessas reflexões, surge a questionamento: como levar a sociolinguística para a sala de aula? A sociolinguística se faz presente no currículo das escolas? Há uma didática ou ferramentas necessárias para que isso ocorra?

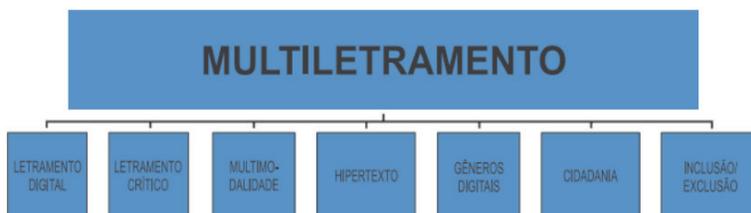
Expostas as variações sociolinguísticas, compreende-se que há diferentes contextos de fala, perante diversas situações. Este entendimento remete às propriedades do letramento, visto como algo mais amplo que a alfabetização (TFOUNI; MONTE-SERRAT; MARTHA, 2013). Nesse sentido, as autoras ainda destacam que "colocamos uma concepção de letramento como fenômeno que pode atuar indiretamente, influenciando também culturas e pessoas que não dominam a escrita" (TFOUNI; MONTE-SERRAT; MARTHA, 2013, p. 27).

Desde então, a pedagogia do letramento possui um constante estudo, e foram necessário atualizações nesse campo, tendo em vista, principalmente, os diversos meios midiáticos que estão ao alcance das pessoas.

Com o avanço das TICs, foi em 1996, a partir do manifesto *A pedagogy of Multiliteracies - Designing Social Futures* que o Grupo de Nova Londres (GNL) viu a necessidade de implementar nas escolas novos letramentos, caracterizados como multimodal ou hipermidiático, com base na sociedade contemporânea, a globalização e a diversidade cultural presente nas escolas (ROJO; MOURA, 2012, p. 12), o que resulta na pedagogia do multiletramento.

Rojo e Moura (2012, p. 13) conceituam o multiletramento como "a multiplicidade cultural das populações e multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunidade". Percebe-se que a concepção de letramento se ampliou, uma vez que este é caracterizado pela pluralidade de práticas letradas. Isso ocorreu levando em consideração a diversidade linguística e cultural e as diferentes formas de textos existentes hoje.

> [...] o crescimento da ênfase dada à diversidade linguística e cultural, o que significa que, em um mundo globalizado, precisamos negociar diferenças todos os dias, bem como a influência da linguagem das novas tecnologias. Elas requerem de seus usuários o domínio de novas linguagens para a construção de significados que, além da linguagem tipográfica (textos escritos), integra outros meios semióticos, como cores, sons, imagens, que são formas de usar a linguagem para a construção de sentidos necessários para agir no mundo social (BORBA; ARAGÃO, 2012, p. 232).

Esta pedagogia apoia-se na multiplicidade da linguagem, sendo semióticas e midiáticas da contemporaneidade. Borba e Aragão (2012) puderam demonstrar essa ideia, considerando o multiletramento como um guarda-chuva e toda a sua ramificação:

Fonte: Borba; Aragão (2012).

A partir do esquema sintetizado do multiletramento, entende-se que ser apto ao letramento digital é ter habilidades computacionais e conhecimento das linguagens digitais. Ora, ao pensar nas escolas, é urgente que os alunos tenham conhecimentos tecnológicos com disciplinas de tecnologias e inovação.

O letramento crítico “objetiva conscientizar o aluno de seu papel ativo na construção e reconstrução de sentidos, de modo que eles reflitam seus propósitos e perspectivas” (TAGATA, 2017, p. 388). O docente tem como objetivo mediar o aluno para que ele seja ativo em seu processo de aprendizagem, sendo reflexivo e um sujeito de opinião.

Já o conceito de hipertexto é “a ideia de leitura e escrita não lineares em sistema de informática que permite ao usuário acessar portas virtuais que abrem trilhas para outras informações” (SEIBERT, 2012, p. 74). Isto é, não é preciso seguir a sequência de leitura que um texto está redigido, mas avançar a leitura conforme vai desenvolvendo as ideias necessárias.

Hoje, com a tecnologia, além dos gêneros textuais que é trabalhado em sala de aula com os alunos, quando o assunto é internet lida-se com diversos gêneros digitais, exemplificados pela a BNCC (2018) por blogues, mensagens instantâneas, e-mails, tweets etc. São gêneros pois cada qual há sua especificidade e suas características.

Segundo Borba e Aragão,

> Os conceitos de inclusão e cidadania envolvem o desenvolvimento de habilidades que promovam a formação de participantes ativos na sociedade, com consciência crítica da heterogeneidade, da diversidade sociocultural e linguística e, necessidade premente, a formação para o letramento digital em razão dos crescentes avanços científicos e tecnológicos (2012, p. 234).

Por fim, a multimodalidade nada mais é que os diversos modos de comunicação, não sendo representado apenas pela escrita, mas por imagem, pela fala, gestos etc.

3 I METODOLOGIA

Com o intuito de investigar a efetividade da sociolinguística como um apoio ao multiletramento educação contemporânea, foi realizada uma pesquisa explanatória com quatro professoras atuantes no ensino fundamental dos anos iniciais em instituições de ensino da capital de São Paulo. Formadas em pedagogia, elas possuem entre 28 e 50 anos de idade. Uma vez que o intuito fosse avaliar diferentes pontos de vistas docentes da prática sociolinguística, desde a formação superior à aplicação em sala de aula, a fim de compreender a realidade atual de ensino linguístico, por uma questão ética[1] não foi relevante identificar as professoras, tampouco expor o nome da instituição de ensino em que atuam, visto que não é o objetivo julgar as escolas, mas é, sobretudo, analisar a situação da linguística social na aprendizagem. Logo, na análise de dados as professoras

1 Segundo a Resolução 510/16 da Área de Ciências Humanas e Sociais. <https://acrobat.adobe.com/id/urn:aaid:sc:US:e961feae-5d20-4228-84fc-e748c6e3116d>. Acesso em: 05 dez 2023.

são identificadas como 1, 2, 3 e 4.

A partir da fundamentação teórica, foi desenvolvida quatro perguntas e, ao fim do mês de julho/23, realizada uma comunicação via Whatsapp, por haver maior contato por esta plataforma, inquirindo-as se poderiam contribuir com seus conhecimentos e práticas pedagógicas. Diante de suas concordâncias em contribuir, foram-lhes enviadas por meio da plataforma de Formulário Google um pequeno texto narrando a ideia e o objetivo do estudo para que elas pudessem ter conhecimento do que seria realizado com suas considerações, seguido das perguntas. Entre três e sete dias foram recebidas as respostas de todas elas.

4 I RESULTADO E DISCUSSÃO

1ª pergunta – Acredita-se que a prática de formação docente é a raiz da didática de todo professor. Dessa forma, a primeira questão de investigação foi procurar entender como foram os estudos sobre sociolinguística na formação das professoras:

1- Tive pouquíssimas oportunidades de estudo com esse tema durante a graduação.
2- Estudei a sociolinguística dentro do componente curricular “Fundamentos para o Ensino de Língua Portuguesa”. Me recordo do foco apresentado pela professora, sobre a variação linguística e importância do respeito e da valorização dessas variações, além do combate ao preconceito linguístico.
3- Tive a sorte de ter uma professora superpreparada e doutora em Língua Portuguesa, por isso me foi apresentado um rico material sobre o assunto.
4- Durante a minha formação em si, não me recordo de ter aprofundado o tema.

Tabela 1 – A prática de formação docente

Fonte: Questionário do Formulário do Google.

As professoras 1 e 4 tiveram a disciplina na universidade, todavia foi algo superficial, não tendo a oportunidade de estudá-la a fundo e conhecer tudo o que abarca o assunto. Um fato infeliz, pois, de acordo com a trilha dessa pesquisa, é um fato o quanto é necessário ter a formação docente aprofundada, tendo em vista em um país tão heterogêneo quanto o Brasil.

Por outro lado, as professoras 2 e 3 mostraram por meio de suas palavras a feliz satisfação em terem trilhado o caminho dos estudos da sociolinguística, tendo o impulso de professoras. De fato, como destacado pela professora 2, quando a sociolinguística se justifica com as variações linguísticas, tendo o sujeito como sujeito social e de poder da língua, ela tem como um dos principais objetivos levar o indivíduo a respeitar o outro pela fala e combater o preconceito linguístico (BAGNO, 1999).

2ª pergunta – Embora foi manifestado a posição frente a importância de a sociolinguística estar presente em sala de aula, o presente objetivo foi indagar as professoras o quão relevante é, para elas, aplicar a sociolinguística em sala de aula:

1- De extrema importância quando lidamos com diferenças culturais e sociais em uma sala de aula, pois permite que o ambiente seja mais respeitoso, com valorização cultural, inclusivo.
2- Acredito que é bastante relevante, pois os alunos devem reconhecer que a língua é viva, que está sempre em mudanças e construção. Além disso, abordar a sociolinguística pode tornar propostas ainda mais significativas para os estudantes.
3- Temos que valorizar a riqueza da nossa língua e apresentar aos alunos as variações linguísticas existente em nosso país.
4- Tanto na minha formação pessoal quando profissional acredito que seja valioso o trabalho com este tema, até mesmo para contemplar tantas camadas existentes no Brasil. Aplicar a sociolinguística em sala de aula é ter à compreensão de que a língua é mutável, de que existe a questão da regionalidade. O ponto que quero chegar é sobre eliminar os preconceitos linguísticos existentes nas diferentes na sociedade. Um exemplo é o caso da escritora Carolina Maria de Jesus, que sofreu tantos preconceitos linguísticos por ser semianalfabeta, mulher preta e moradora de rua. No livro "Ao revés do avesso", Percival discute reflexões importantes sobre a literatura e a desigualdade social.

Tabela 2 – A relevância da sociolinguística no aprendizado

Fonte: Questionário do Formulário do Google.

Na primeira pergunta do formulário, vimos que as professoras 1 e 4 não tiveram oportunidade de se aprofundar no tema em suas formações docentes. No entanto, é muito satisfatório perceber suas noções positivas quanto a levar esse tema para a sala de aula.

Como bem destacado pela professora 1, não é apenas sobre falar da língua, mas sobre o sujeito que vive em uma sociedade heterogênea, independentemente do local onde habita, a fim de tornar uma sociedade inclusiva e livre de preconceitos, principalmente quando reflete-se as diferenças linguísticas do Brasil, pensado pelas professoras 2 e 4.

Uma vez que se trata de algo que pertence a alguém, no caso deste estudo, a língua, de fato ela é viva e está sempre sujeita a mudança, bem como coloca a professora 2. Essa mudança não é apenas da função do sistema linguístico, mas se vive-se em sociedade e, mesmo dentro dela em diversos contextos, essa mudança se justifica como um processo social, devido as relações políticas e ideológicas do nosso meio (BORIN, 2010).

A partir dessas considerações, a professora 4 se colocou, não apenas como professora e ponderou o conteúdo, mas como indivíduo social e destaca a importância de levar isso para a sala de aula. Além disso, muito relevante sua associação e reflexão de vida da escritora Carolina Maria de Jesus (1914-1977) e as provocações sociais destacadas por Percival em seu livro “Ao revés do avesso” (2015). Com base nisso, Bagno (2007, p. 82) afirma que o professor deve favorecer-se da escola para formar indivíduos conscientes da sociedade, das escalas de valores que cada um tem nas trocas por meio da linguagem.

3ª pergunta – Na primeira pergunta do formulário, foi visto dois opostos na prática de formação docentes. Sem embargo, é fato que um professor e uma escola devem sempre estar em contato com as inovações tanto pedagógicas, como atualizado dos conhecimentos de mundo. Sendo assim, era de interesse saber se a sociolinguística se faz presente no currículo na instituição de ensino em que elas lecionam, assim como sugere

a BNCC (2018). Se positivo, houve o desejo em saber o quão relevante é isso e como acontece no cotidiano delas em sala de aula.

1- Não tenho conhecimento
2- Não faz parte. Como trabalho com alfabetização, em diferentes momentos durante elaboração da escrita surgem ideias que propiciam discussão sobre a sociolinguística.
3- Com certeza, afinal trabalhamos vários gêneros textuais, bem como o regionalismo e mais recentemente as expressões tecnológicas.
4- Na escola onde eu trabalho não há uma preocupação em si em aplicar a sociolinguística e há pouca pesquisa neste ramo. Vejo que a coordenadora está atenta à oralidade, mas ainda não se faz necessário na instituição. No outro colégio em que eu trabalhava os planejamentos eram pautados em pesquisas com foco no estudo de Magda Soares. Reuniões semanais eram realizadas para discutir sobre multiletramento em sala de aula e como os planejamentos estavam sendo aplicados em turmas de 1° ao 3° ano.

Tabela 3 – A sociolinguística no currículo escolar

Fonte: Questionário do Formulário do Google.

A argumentação da professora 1 deu-nos a entender que a questão da valorização da diversidade linguística pode não estar explícito nos planos curriculares da instituição de ensino, bem como algo limitado, ou seja, se ela aponta esse cenário percebemos que essa não é uma questão que a escola se importa em abraçar, tampouco há incentivo para levar tais discussões com os professores. Igualmente ocorre no contexto docente da professora 4, todavia ela foi mais além destacando também a questão da pesquisa no âmbito que, não é enaltecido na atual instituição de ensino em que trabalho, porém dá o mérito à instituição que já trabalhou anteriormente, do qual apoiava-se a pesquisa e tinha um planejamento analisado e atrelado ao multiletramento, este que, entre suas características, carrega e multimodalidade, hipertexto, cidade e inclusão do indivíduo (BORBA; ARAGÃO, 2012). Além disso, pensando em uma investigação, Bagno (p. 196, 2007) afirma que "a pesquisa estimula o desenvolvimento da habilidade investigativa da intuição, da análise crítica, da interpretação, do questionamento dos conhecimentos cristalizados [...]", ou seja, uma vez que a educação deve sempre estar atualizada a sociedade, uma instituição de ensino deve ser polo investigativo, tendo como estudo suas práticas, bem como a aprendizagem e pessoas dos alunos. Ou seja, é estar sempre aberta ao novo, seja num coletivo com grupos de professores, ou mesmo no individual da prática de cada um.

A professora 2 traz a mesma problemática. No entanto, é possível perceber em sua afirmação que ela toma a frete das decisões de seu planejamento e procura meios de aplicar esse contexto linguístico em suas aulas. Além disso, damos relevância ao fato de ela expor a sociolinguística em sua prática de alfabetização, uma vez que esta está atrelada à aprendizagem sistematizada da língua, todavia a criança está exposta aos heterogeneidade linguística na sociedade, então Barrera e Maluf (2004, p. 45) destacam a importância de o professor alfabetizador dominar os conhecimentos da sociolinguística, a fim de proporcionar uma aprendizagem efetiva, mas sem desconsiderar a língua espontânea.

A professora 3 chama a atenção ao oposto do que notou-se nas outras afirmações, ao afirmar que a sociolinguística está presente no currículo escolar, ao trabalhar gêneros textuais nas aulas, ou seja, principalmente nesses momentos é que ela dá espaço para a mostrar a língua em sua diversidade. Então, percebemos que a escola deve seguir as normas da BNCC (2018) e, consequentemente, a professora possui mais liberdade de expor a diversidade linguística aos seus alunos. O trabalho dos gêneros textuais com base em textos nacionais, e exclusivamente regionais é a própria valorização da sociolinguística.

4ª pergunta – Sendo nosso objetivo a investigação da sociolinguística como apoio ao multiletramento, era de interesse saber em como é possível pensar na sociolinguística a partir do multiletramento em sala de aula, mesmo, infelizmente, a sociolinguística não estando presente no currículo escolar:

1- Acreditando que o multiletramento é proposto para uns inserir a todos na sociedade contemporânea, fazendo com que os estudantes estejam prontos para transitar pelas diversas situações do mundo globalizado e tecnológico, a sociolinguística tem o papel importante de ser uma via de manifestação cultural e social, transcrevendo a história da comunidade.
2- O multiletramento, por si só, apresenta aos estudantes uma grande variação linguística. Sendo assim, a sociolinguística deve estar incorporada a ele, a fim de que os alunos respeitem e valorizem a língua em todas as suas dimensões e seus lugares.
3- A partir de agora, não há como pensar em ensinar a Língua Portuguesa sem incorporar a linguagem digital, que deve ser apresentada aos alunos de maneira natural, afinal todos conhecem alguma rede social.
4- Antes de iniciar as práticas de multiletramento e sociolinguística é fundamental que o professor esteja em constante formação. Entendo que há uma cobrança muito grande em ser professor generalista e dar conteúdos de matemática, ciências naturais, ciências humanas, português e ainda lidar diariamente com o social dos nossos alunos. Venho com a crítica sobre as formações adequadas para quem lida com o ensinar, pouco se fala sobre pesquisadores da língua e isso me preocupa muito quando me deparo com escolas de grande porte sem o olhar para a atualidade, sem a preocupação com o saber. Voltando ao foco, o planejamento deve ser elaborado com antecedência e com o foco na oralidade, para entenderem como a língua é influenciada por diferentes contextos sociais e culturais. Literaturas indígenas abre um grande leque de oportunidade para se discutir as influências linguísticas. Penso que podemos usar também vídeos no YouTube, pois é algo que desperta interesse. Fazer uma curadoria dos vídeos que podem enriquecer o conhecimento sobre as variações linguísticas.

Tabela 4 – A sociolinguística a partir do multiletramento

Fonte: Questionário do Formulário do Google.

As professoras 1 e 2 possuem um comum pensamento a respeito da grandiosidade de manifestação de cultura e linguagem que o multiletramento já carrega por si só. De fato, o multiletramento segundo Rojo e Moura (2012, p. 22) é “no sentido da diversidade cultural de produção e circulação de textos ou no sentido da diversidade de linguagens que os constituem”. Então, concordam que a sociolinguística possa sempre se fazer presente, e reforçam-na como um auxílio em quebrar barreiras da exclusão social.

Ainda sobre o multiletramento, “são necessárias novas ferramentas – além da escrita manual papel, pena, lápis, caneta, giz e lousa) e imprensa (tipografia, imprensa) –

de áudio, vídeo, tratamento de imagens, edição e diagramação" (ROJO; MOURA, 2012, p. 21). Por isso, a professora 3 destaca a cultura digital como principal ferramenta em sala de aula, e exclusivamente voltada à disciplina de Língua Portuguesa. Ora, é o trabalho com a utilização dos gêneros digitais que cada rede social pode oferecer.

Acreditamos ser necessária, mais uma vez, a reflexão da escassez em pesquisa voltada para campo da linguística levantada pela professora 4. Considerando a pesquisa linguística, Bagno (2007, p. 196) manifesta essa necessidade investigativa pelo fato de não ser possível escrever apenas uma gramática e gêneros textuais da língua. Ou seja, é língua é viva, é diversa e está em constante movimento, por isso o âmbito investigativo não deve ser estático, pelo contrário, deve haver sempre estudos que possam contribuir para as práticas dos professores. Por outro lado, Bagno (2007) ainda reforça "a autonomia da professora" quando há uma investigação de sua parte, com base em seus alunos, no material didático apropriado, nas inúmeras fontes de informação etc., para que também possa ser compartilhado com todo um corpo docente.

Por fim, a professora ainda dá exemplos de ferramentas que se possa utilizar nesse multiletramento em sala de aula, para expor a diversidade cultural e social. Muito considerável, também, a menção de levar a literatura indígena para a sala de aula, deste povo que é alvo de tanta exclusão social, mas que é parte da formação do nosso povo. No entanto, cabe ao professor ser o mediador e levar para a sala de aula os conhecimentos indígenas atuais, considerando as mudanças realizadas pelo governo nacional ao criar o Ministério dos Povos Indígenas[2], e dando mais valorização e visibilidade aos indígenas. No âmbito linguística, não podemos negar que levou um grande tempo para que isso acontecesse, mas em agosto de 2023 foi lançada a 1ª Constituição Nacional em língua indígena[3]. Ora, se eles são indivíduos do território brasileiro, eles devem fazer parte da aprendizagem e conhecimento de nossas crianças.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dos documentos, leis e diretrizes educacionais nacionais, nenhum manifesta tão perceptível o dever de estar presente na educação brasileira o reconhecimento da diversidade linguística, consequentemente social e cultural, presente em nossa sociedade quanto a BNCC (2018). Ainda que se faça presente a exigência do respeito a diversidade linguística na LDB[4] e em alguns segmentos das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica[5], A BNCC (2018) coloca como uma norma voltada a diversidade, a igualdade, na aprendizagem, que considera as singularidades levadas em conta, e a

2 2 https://www.gov.br/povosindigenas/pt-br
3 3 https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2023/07/constituicao-nheengatu-web.pdf
4 Art. 3º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: XIV - respeito à diversidade humana, linguística, cultural e identitária das pessoas surdas, surdo-cegas e com deficiência auditiva. (Incluído pela Lei nº 14.191, de 2021).
5 Embora em alguns segmentos há o manifesto para que se valorize e inclua a sociolinguística nos currículos, foi possível perceber que na maioria das vezes em que isso é declarado faz menção a cultura indígena.

equidade, pontuando que cada aluno possui sua necessidade (BRASIL, 2018, p. 15).

A partir das análises, começando pela prática de formação dos professores, foi possível perceber que, embora o conteúdo sociolinguístico possa aparecer na disciplina de fundamentos do ensino de língua portuguesa, se não há um impulso e interesse por parte do docente do ensino superior levar os alunos a mergulharem no tema e conhecerem as características que o engloba, principalmente as variações linguísticas, este será apenas mais um conteúdo que a aluno passou por ele, mas sem, de fato dominá-lo e compreendê-lo. Ora, é uma questão que permeia cada um enquanto indivíduos sociais e que causa tanta desigualdade e preconceito, que hoje está ainda mais evidente. Então, a necessidade de estudá-lo, tendo em vista que deve estar presente na formação de um docente, mais significativo será levá-lo para a sala de aula.

No entanto, também por esse fator da desvalorização da universidade, mas a partir de relatos de quem vive a educação no dia a dia, concluiu-se que aplicar a sociolinguística na sala de aula ainda não é uma tarefa do cotidiano de um professor da contemporaneidade, pelo fato da desvalorização estar na própria instituição de ensino. Se não está explícito no currículo escolar e acessível aos professores, se não há interesse em pesquisa da instituição de ensino, de certo a escola estará cada vez mais longe da realidade social e os alunos apoiados ao senso comum – este que gera o apontamento do certo e errado perante a opinião das pessoas e o preconceito linguístico – e pouco se apoiarão no que é científico.

Teorizando a questão de investigação de como os conhecimentos da sociolinguística podem ser um suporte para a ação docente, frente a prática pedagógica de trabalhar o multiletramento, foi possível identificar tanto estudando a sociolinguística, mas sobretudo no multiletramento, que a sociolinguística está interiorizada nele, uma vez que para a diversidade linguística estar presente em sala de aula, há a possibilidade de usufruir de hipertextos e hipermídias, apoiando-se a cultura digital e fazendo-a gozar dos gêneros textuais, do qual é possível encontrar materiais de inúmeras culturas do Brasil. Com isso, o multiletramento carrega consigo a inclusão, ou seja, é dar voz as culturas, formando indivíduos conscientes da heterogeneidade que os permeiam.

Em suma, o multiletramento valoriza a sociolinguística e é uma metodologia necessária na contemporaneidade para promover os letramentos, leitores e sujeitos sociais adeptos e conscientes da pluralidade as línguas e as linguagens que nos circundam.

É preciso, então, maior engajamento e comprometimento das instituições de ensino em seguir as normas postas pela base da educação nacional, que se apoia a uma valorização linguística, para que, cientes do que a língua portuguesa contempla, se possa formar crianças, adolescentes, enfim, indivíduos que respeitem sua língua materna, sem menosprezar o próximo devido a sua fala, mas igualando-se a ele como sujeito social e vivendo com a heterogeneidade polida.

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso*: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

________. *Preconceito Linguístico*: o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BARRERA, S. D.; MALUF, M. R. Variação linguística e alfabetização: um estudo com crianças da primeira série do ensino fundamental. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 8, n. 1, p. 35-46, 2004.

BORBA, M. S.; ARAGÃO, R. Multiletramentos: novos desafios e práticas de linguagem na formação de professores de inglês. *Polifonia*, Cuiabá, MT, v. 19, n. 25, p. 223-240, jan./jul. 2012.

BORIN, M. A. *Sociolinguística*. Universidade de Santa Maria. Letras/Português, 2010. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/handle/1/16413. Acesso em: 06 nov. 2022.

BRASIL. *Constituição (1988)*. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

________. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

________. Ministério da Educação. *LDB*: lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.

________. *Parâmetros curriculares nacionais*. Língua Portuguesa. Ensino Fundamental: Ensino de primeira à quarta série, 1997.

ETTO, R. M.; CARLOS, V. G. Sociolinguística: o papel do social na língua. *Revista Anhanguera*, Goiânia, v. 18, n. 1, p. 15-24, jan./dez. 2017.

GOMES, M. L. C. *Metodologia do ensino de língua portuguesa*. 2. ed. Curitiba: Intersaberes, 2015.

JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. 22. ed. Tradução Izidoro Blikstein; José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2010.

HORTA, B. D. Sociolinguística em sala de aula: visão e postura docente ante as variedades desprestigiadas do português. *Palimpsesto*, n. 23, 2016.

MACEDO, W. K. L. *Por Saussure e Bakhtin*: concepções sobre língua/linguagem. Universidade Estadual de Santa Cruz, 2009.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. *Introdução à sociolinguística*: o tratamento da variação. 4. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

PALANGANA, I. C. *Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vigotski*: a relevância do social. 6. ed. São Paulo: Summus, 2015.

RODRIGUES, A. D. (2018). A originalidade das línguas indígenas brasileiras. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 9, n. 1, p. 187-195. Disponível em: https://doi.org/10.26512/rbla.v9i1.19521. Acesso em: 06 nov. 2022.

ROJO, R.; MOURA, E. *Multiletramentos na escola.* São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SALGADO, S. S. Ciência Linguística: da origem saussureana ao percurso sociolinguístico. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 9, n. 100, p. 93-99, 2009. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/7110>. Acesso em: 06 de nov. 2022.

SEIBERT, M. G. S. S. Hipertexto e formação de professores: dificuldades e perspectivas. *Caderno de aulas do LEA*, v. 1, n. 1, nov./2012.

SOARES, M. *Alfabetização e letramento*. 7. ed., 5ª impressão. São Paulo: Contexto, 2021.

TAGATA, W. M. Letramento crítico, ética e ensino de língua inglesa no século XXI: por um diálogo entre culturas. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 17, n. 3, p. 379-403, 2017.

TFOUNI, L. V.; MONTE-SERRAT, D. M.; MARTHA, D. J. B. A abordagem histórica do letramento: ecos da memória na atualidade. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 17, n. 32, p. 23- 48, 1º sem./2013.

THOMAZ, L.; OLIVEIRA, R. C. *A educação e a formação do cidadão crítico, autônomo e participativo.* Paraná, 2009.

WINCH, P. G.; NASCIMENTO S. S. A teoria da comunicação de Jakobson: suas marcas no ensino de Língua Portuguesa. *Estudos da língua(gem)*, v. 10, n. 2, p. 219-236, 2012.

ZEN, G. C. Reflexões sobre a concepção de alfabetização proposta pela BNCC. *Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos*, v. 6, 2018. Disponível em: https://www.homologacao.revistas.uneb.br/index.php/educajovenseadultos/article/view/5705. Acesso em: 30 jul. 2023.

GABRIELA CRISTINA BORBOREMA BOZZO - Doutoranda em Estudos Literários (FCLAr/UNESP - CAPES/PROEX) que atua como docente na graduação em Letras da FCLAr/UNESP (2022.2, 2023.1, 2023.2 e 2024.2), ministrando disciplinas da área de Literatura, a convite do departamento de Linguística, Literatura e Letras Clássicas (DLLLC) da unidade, no regime de auxílio acadêmico ao pós-graduando, que é acumulativo à bolsa vigente. De sua trajetória, cabe ainda destacar outros dois momentos importantes: 2016, quando recebeu menção honrosa pela sua pesquisa de Iniciação Científica Departamental no CIC/UNESP e 2023, quando foi a discente indicada pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da FCLAr/UNESP para concorrer à segunda edição do prêmio “Mulheres que fazem a UNESP”.

A

B

C

D

E

F

G

I

Intersecções entre

LINGUÍSTICA, CULTURA, LETRAS & ARTES

www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br
@atenaeditora
www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Ano 2024

Intersecções entre

LINGUÍSTICA, CULTURA, LETRAS & ARTES

www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br
@atenaeditora
www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Ano 2024